

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NAS carreiras da Companhia Nacional de Navegação, cujo trafego aumentou de 1935 para 1936, quer em passageiros quer em mercadorias, como também subiu o numero de milhas percorridas — verificou-se no ultimo ano um decrescimento de passageiros de 1.ª classe e acrescimo de 2.ª e 3.ª.

Observa o jornal «A Provincia de Angola»: «Porque ha menos dinheiro ou porque as passagens são caras — devem ser as razões».

E entende que foi por isso que se criou a classe intermediaria.

Viajar em 1.ª classe é um direito de qualquer cidadão, quer tenha muito dinheiro quer seja simplesmente remediado.

Mas é também, em muitos casos, um habito social que chega a preconceito. Não se ignora que ha pessoas que viajam em primeira classe — sem seguramente, sob o ponto de vista das disponibilidades, o poderem fazer.

Mas — faziam-no, para manterem o tom.

De modo que a diminuição de passageiros de 1.ª pode significar, com efeito, crise de dinheiro, alto custo das passagens, mas pode acusar também — bom senso.

* * *

POR essa provincia fora, a iniciativa particular tem realizado grandes obras de assistencia que muito contribuem para diminuir ou extinguir a mendicidade.

Hoje, por exemplo, chega-nos a noticia de que em Gouveia começou a funcionar, sob a direcção dos srs. Ribeiro Cardoso e Mario Nobre, uma sopa para os pobres cujos estatutos vão ser submetidos á aprovação do chefe do distrito e que, embora ainda em organização, já beneficia 35 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

* * *

APIEIDADE familiar dos portugueses que morrem no estrangeiro, e cujos restos mortais pretendem trazer para a terra patria, esbarra com a barreira altissima de despesas incomportaveis para os que não sejam milionarios.

Importam em milhares de francos os direitos consulares estabelecidos por uma lei que deveria ser humanizada, e partindo do principio que aos portugueses mortos no estrangeiro se lhes deve, como minima homenagem, o enterramento em terra portuguesa.

* * *

COMUNICA-NOS a Sociedade Protectora dos Animais que já tratou junto do Major General da Armada e do administrador da Povoia de Varzim daquele caso, a que ha dias nos referimos, de perseguição e crueldades que se praticavam naquela villa com as gaivotas, mortas barbaramente e arrastadas pelas ruas da interessante villa.

PROBLEMAS DO MOMENTO

A questão do ensino

Tendo analisado a questão do ensino no seu conjunto, vejamo-la agora nos seus principais detalhes: aulas, programas, textos, lições, exames, recompensas, professores e alunos, e sua applicação a algumas materias em especial. Mas não sem acentuarmos mais uma vez a sua inegualavel importancia, sobretudo numa epoca em que só vingam em qualquer campo os que estiverem melhor apetrechados cientificamente.

Vejamo-la, pois, numa rapida resenha, compativel com este limitado espaço.

As aulas, na sua maioria, em salas acanhadas ou de adaptação forçada, algumas num desvão ou repartidas com tabiques, sem condições higienicas, ora quasi estufas ora inteiramente desabrigadas, muitas de luz acesa em pleno dia, e sequestradas ao publico (chegando-se ao abuso, contra disposições legais expressas, de afixar letreiros proibindo a entrada aos estranhos ou só a consentindo mediante burocraticas e complicadas licenças); em vez de salas amplas, arejadas, confortaveis, com instalações cómodas e abertas ao publico. Daí um ar morno que entedia, uma tristeza que enerva e todo o modo confrangido duma repartição, onde se vai buscar apenas o diploma, na mira do conchego facil, como se exprimia o Eça, com ventarola no verão e fogão electrico no inverno.

Os programas (os que ainda não foram revistos) demasiadamente extensos, descendo a minucias proprias de instruções ou circulares, com a preocupação enciclopédica de registar todas as aquisições científicas e sem um contacto directo com as realidades ou possibilidades nacionais: em vez de traçados curtos, forçando só os pontos essenciais e capitais, com o simples enunciado dos assuntos, sem mesmo indicar as correntes ou dar orientação, que é função propria das lições ou dos professores. Daí a excessiva confiança na sublimidade das suas virtudes, esquecendo-se que não são os programas que é preciso reformar, são os metodos, ou, antes, não são os programas, é o modo de se servir deles, como observa Gustavo Le Bon. Tanto mais que, não obstante os programas, os professores continuam a ensinar fora deles ou contra eles.

Os textos, onde os ha, gordos de aspecto, mas tão arrevezados na forma como incertos nos conceitos, ora exhibindo os criterios parciais do autor, ora amalgamando as opiniões alheias sem um criterio definido, e, onde os não ha, as imorredouras «sebentas», descoloridas na face e anemicas na substancia, em que se escrevem os maximos distates com a minima responsabilidade: em vez de livros manuseaveis, portateis, limitando-se ao registo das opiniões correntes, cingidos estritamente aos pontos do programa, sem os recortes bruscos das notas e citações dispersivas, embora sempre com a indicação escrupulosa das fontes. Daí a vergonhosa mercancia dos livros do ensino secundario (a que uma providencia official agora veio pôr termo) e a subrepticia impingidela de calhamacas e apontamentos de varios matizes, que constitui ainda o pasto alimenticio do ensino superior.

As lições, que são o espelho fiel da solidez, adiantamento e até da probidade do ensino, exposições confusas e desordenadas, sem uma logica distribuição das materias, peçadas de abstracções e subtilezas, com definições que não dão idea do objecto e classificações interminaveis que acabam por se diluir, complicando as questões mais simples e obscurecendo as mais claras (Le Bon), sem olhar ás exigencias de celeridade e utilidade da vida hodierna, e demais proteridas com voz arrastada ou mastigando as palavras, ora caminhando muito depressa, ora voltando atrás, em repetições fastidiosas, e não atendendo sequer á idade e sensibilidade dos ouvintes, antes por vezes com o proposito de estender ou amesquinhar (salvo rarissimas excepções, que se apontam a dedo): em vez duma exposição simples e medida, sem excluir a elegancia, clara e intuitiva, sem esplanações escusadas, desenvolvendo os pontos do programa ou esclarecendo as materias do texto e sujeitando-os ao exame critico, tornando atraentes os assuntos pela sua relação com os problemas da actualidade, começando sempre ab initio por uma classificação geral dos conhecimentos e uma visão do conjunto e dando uma razão de ordem por cada materia, usando duma linguagem natural e adequada ao grau de preparação e indole dos ouvintes, e fazendo um resumo final, de modo a salientar os pontos fundamentais (ou confiando-o ao aluno, como propõe Gay); em suma, ensinando os alunos a servir-se da sua intelligencia, pois que a missão de quem ensina não é criar, mas encaminhar — tal qual o jardineiro, que não desenvolve a planta, apenas lhe torna lavoraveis as condições do ambiente, como explica o sr. Antonio Sergio. Daí as «colicas», imprimindo no estudante uma tara de nervosismo que o acompanha pela vida fora, o cerebro como uma hexiga de vento, rompendo-se ao primeiro sopro, um desinteresse por todos os trabalhos científicos e, enfim — com um tal sistema em que vale não o que melhor discernir, mas o que melhor «empinar» — um ar contrafeito á entrada e um suspiro de alivio á saída.

...Mas soou a hora de interromper estas considerações. Entretanto, para manter o nexo das idéas, avivemos o pensamento acima expresso, com estas palavras de Liard: «Na luta economica dos povos, o mais sabio será o mais vitorioso». O que fez dizer a um publicista de reputação mundial que a escolha dos metodos de ensino é tão importante para um povo como a das suas instituições ou a do seu governo.

DIAS FERREIRA

EM 13 de junho inaugurou-se na cidade de Ribeirão Preto, no Estado de S. Paulo, um monumento a Luiz de Camões, oferecido pelos portugueses á cidade. O eminente artista, escritor e sabio dr. Ricardo Severo pronunciou um discurso, do qual, pelo rigor literario e penetração realista, nos parece digno de relêvo o periodo que recortamos:

«Os portugueses, por onde andaram desde o seculo XIV, percorrendo o mundo desconhecido, cruzando oceanos tenebrosos, conquistando povos, collocando ilhas e continentes, construíram padrões, fortalezas, ermidas, hospitais, escolas, e sementaram nas novas terras o plasma unificador duma raça, dum idioma, duma tradição; em toda a parte o nucleo gerador de civilização e de patrias novas.

Luiz de Camões não é só o excelso cantor desta epopeia; é também o seu herói eponimo. Viveu-a desde a nascença no esforço para dar ao seu génio o poder da sabedoria, na luta por um mistér superior de vida temporal, nas aventuras da sua mocidade extravagante de pensador amoroso e legitima ufania, no cruel fadario de emigrante, como soldado na Africa, na India e na China, sofrendo sem desalento as durezas da miséria, as feridas e mutilações das batalhas, a angustia mortal dos naufragios, a dor cruel do menosprezo da invidia e da injustiça dos homens».

* * *

EM 1915 a Camara Municipal de Felgueiras deu a concessão de energia electrica no concelho a um determinado individuo. Essa concessão foi transferida sucessivas vezes, para sociedades e companhias, que nunca cumpriram, a tal ponto que a Camara, em defesa do concelho, começou a explorar os serviços electricos em 1934, enquanto um recurso corre no tribunal proposto pela Camara, mas sem efeitos suspensivos do primitivo contrato. A notificação do resgate tinha de ser feita com dois anos de antecedencia, e entretanto a ultima companhia concessionaria preparava-se para dar novo salto. Para obstar a este inconveniente um decreto hoje publicado autorizou a Camara a resgatar imediatamente a concessão, com dispensa do prazo de dois anos.

Cortou-se o mal pela raiz. E eis um precedente.

* * *

A PROPOSITO da referencia que ha dias fizemos ao facto de ter sido o «Diário de Lisboa» o primeiro jornal português que teve um serviço especial de informação da Agencia Reuter, facto de que nem o «Diário de Noticias» nem o correspondente da Reuter em Lisboa parece terem a certeza, aquele nosso colega faz hoje uma pergunta inutil, a que afinal já respondemos. O facto não nos contraria nem nos entristece, alegra-nos. Ou melhor: diverte-nos.

* * *

JA se encontra em Paris o sr. dr. Joaquim Manso, illustre director do «Diário de Lisboa», que visitará em seguida a Alemanha.

BOLSA DE LISBOA

23 de setembro
CONTADO

VALORES	Eletuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3/4 1936 s/j	950\$00	943\$50	—
4 0/0 1934	908\$00	901\$00	931\$00
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912	2.205\$00	2.203\$00	2.210\$00
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.027\$00	1.027\$00	—
4 3/4 1934	1.149\$00	1.148\$00	1.150\$00
5 1/2 0/0 1933	1.067\$00	1.067\$00	1.068\$00
Externo 3 0/0 1.ª Série	1.726\$00	1.723\$00	1.727\$00
3 0/0 2.ª	1.892\$00	1.892\$00	1.897\$00
3 0/0 3.ª	1.892\$00	1.892\$00	1.897\$00
Cautelas s/juro 3.ª Série	160\$00	159\$00	160\$00
Ações			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	506\$00	—
Espírito Santo port.	—	376\$00	373\$00
Lisboa & Açores, port.	—	—	1.125\$00
Portugal, portador.	—	—	—
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	18.000\$00	18.800\$00
Mundial	246\$00	216\$00	217\$00
Nacional	—	772\$00	780\$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	1.300\$00	—
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinária	—	—	—
privilegiada	—	12\$00	13\$00
Aguas de Lisboa, port.	—	260\$00	—
ass. 1934	154\$00	151\$50	156\$00
ass. 1936	150\$00	151\$00	—
Credito Predial	—	—	—
Gaz e Electricidade	322\$50	326\$00	326\$50
Portugal e Colonias	88\$00	87\$00	88\$00
Navegação	102\$50	102\$50	103\$00
Portuguesa de Pesca	—	259\$00	—
de Tabacos	408\$50	408\$00	409\$00
Tabacos de Portugal	—	385\$00	390\$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug.	—	—	180\$00
COLONIA			
Açúcar de Angola	—	388\$00	393\$00
Busi - 1.ª emissão	47\$00	47\$50	47\$00
- 2.ª	—	—	—
Illa do Príncipe	—	483\$00	490\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	216\$00	215\$00	217\$00
Pedais 6 0/0 - 1932-1.ª S.	90\$00	89\$00	90\$50
7 0/0	105\$00	104\$50	105\$00
União Elect. Port. 6 1/2 0/0	—	118\$00	—
5 0/0	—	104\$50	105\$00
Busi 9 0/0	113\$50	113\$00	114\$00
6 1/2 0/0	120\$00	119\$50	121\$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 69

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres	110\$00	110\$20
Paris	\$75,8	\$76,0
Madrid	1849,6	1849,9
New-York	22\$22,3	22\$26,3
Zurich	5\$10,5	5\$11,4
Roma	1\$16,9	1\$17,1
Bruxelas	3\$74,0	3\$74,7
Amsterdã	12\$27,2	12\$29,4
Berlim	8\$91,6	8\$93,2
Praga	\$77,6	\$77,8
Rio de Janeiro	1\$43,2	1\$43,4
Libra ouro	—	—

Exposição de plantas ornamentais

no Casino Estoril

HOJE—INAUGURAÇÃO

Com uma rica e vistosa coleção de plantas ornamentais, inaugura hoje, no Casino Estoril, a Companhia Hortícola Portuguesa, de que é representante em Lisboa D. Sebastião Pessanha, esta sua grandiosa exposição que está aberta até domingo.

A favor da Misericórdia de Cascais, revertirá uma parte do produto das vendas ali efectuadas.

Comboio de excursão de Lisboa a Évora no domingo, 26

A C. P. efectuará no domingo 26 do corrente um comboio de excursão de Lisboa a Évora e volta, o qual partirá da estação do Terreiro do Paço às 8 h. chegando a Lisboa na volta pelas 0,35 h. (Ver horário no cartaz).

Preço: 3.ª classe—Bilhete de ida e volta, 20\$00. Idem com almoço e jantar no hotel Alentejano, 42\$00. 2.ª classe—Bilhete de ida e volta, 27\$50. Idem com almoço e jantar no hotel Alentejano, 49\$50.

Os bilhetes são também válidos para embarcar e desembarcar em Barreiro, Pinhal Novo e Casa Branca.

Inscrição nas Informações da estação do Rossio. As pessoas da provincia que adquiriram bilhetes para este comboio é concedida a redução de 45 0/0 na viagem para Lisboa e volta, devendo dirigir-se ao Serviço de Turismo, estação do Rossio, 1.º, telefone 2 4146.

A praça dos Restauradores

vai ser betuminada

Na sessão de hoje da Comissão Administrativa da C. M. L., a que presidiu o sr. major Salvação Barreto, vice-presidente, foram apresentadas pelo sr. major Beires Junqueira, diversas propostas, entre as quais uma para se proceder á execução dum tapete betuminado sobre a actual calçada á portuguesa na Praça dos Restauradores. Apenas o espaço destinado á passagem dos electricos será calcetada a granito. Esta notavel obra de pavimentação importa em 150 contos e será imediatamente iniciada. Foram igualmente aprovadas propostas do mesmo vereador, para o revestimento betuminoso da estrada da Pontinha e para a compra de automoveis destinados ás regas.

O Montepio Oficial do Professorado Primario

A direcção do Montepio Oficial do Professorado Primario informa-nos que o Governo prestou um relevantissimo serviço ás viúvas e orfãos pensionistas do Montepio Oficial do Professorado Primario e aos futuros legatarios, remediando a situação angustiosa em que aquella instituição se encontrava com o perigo do desgaste ou da dispersão de cerca de 11.000 contos de fundos.

O funcionamento do Montepio, nas condições actuais, era insustentavel e a dissolução representaria a dispersão daqueles fundos, sem proveito colectivo e com um proveito individual minimo. Acresce ainda que representava a perda total dos beneficios actuais e sagrados das viúvas e orfãos.

O decreto n.º 27.993 satisfaz os desejos expressos pelos socios desta instituição de previdencia.

MATRICULAS

Centro Escolar «Almirante Reis»

Está aberta a matrícula para as aulas de instrução—curso diurno e nocturno—mantidas pelo Centro Escolar Republicano «Almirante Reis», que tem prestado relevantes serviços á instrução popular, em recompensa dos quais lhe foi concedido o titulo de «utilidade publica». Prestam-se todos os esclarecimentos na sua sede, rua do Bemfornoso, 50, 1.º, em todos os dias uteis, das 21 ás 0 horas. As aulas principiam a funcionar no dia 6 de outubro.

A situação na Palestina

JERUSALEM, 25.—Os jornais arabes continuam a occupar-se vivamente da decisão do conselho da S. D. N. relativamente á Palestina e a ultima sessão da 6.ª comissão da S. D. N. O jornal «Palestina» dirige-se a varios Estados que têm apenas o desejo de evacuar os judeus do seu territorio e mandá-los para a Palestina sem ter em conta os direitos dos arabes.—(D. N. B.).

ESCOLA VALSASSINA

Internato Semi Internato
Externato

Av. Antonio Augusto Aguiar, 148-Tel. 4 1035 P.B.X.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato
18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

Escola de João de Barros

R. de Tomás da
Anunciação, 88

Telefone 4 0783

Media geral de
aprovações. 94%

AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

Partidas

aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINÉ PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO ORO, AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.

Informações. Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

O PORTO pelo telefone

A comemoração do 4.º aniversario do
Estatuto do Trabalho Nacional

PORTO, 23. — Solemnizando o 4.º aniversario do Estatuto do Trabalho Nacional, e como primeiro numero do programa das comemorações, realizou-se na F. N. A. P., premovido pela direcção do Gremio dos Importadores e Armazenistas de Bacalhau e Arroz, um almôço ao qual assistiram delegados de grande numero de sindicatos nacionais, socios do referido gremio e suas familias, etc.

Como nota enternecedora desta festa salienta-se a presença de 76 casais de operarios do Sindicato dos Descarregadores de Terra e Mar que em varias igrejas desta cidade vêm desde há dias legitimando a sua união. Alguns dos operarios, de cabelos brancos, não escondiam a sua profunda emoção.

Serviam de padrinhos nas cerimoniaes religiosas os respectivos patrones e esposas. O almôço foi presidido pelo sr. Elísio Pereira do Vale, presidente do referido Gremio, e na mesa de honra tomaram lugar, entre outros, os srs. drs. João Moreira, Fernando Homem Cristo, Vasco Mourão, Pedro Maia da Fonseca, Horacio Gonçalves, Leonel de Aguiar, Cunha e Silva, etc.

Usaram da palavra os srs. Francisco Aguiar, Domingos Gonçalves de Sá, dr. Rodrigues dos Santos, Horacio Gonçalves e Elísio Pereira do Vale, que fizeram a apologia da cooperação do capital com o trabalho, pondo-a em confronto com o antigo antagonismo das classes trabalhadoras e patronais. Os discursos foram varias vezes interrompidos com entusiasticos «vivas» ao Estado Corporativo, ao dr. Oliveira Salazar, dr. Teotónio Pereira, dr. Rebelo de Andrade, etc.

A' hora a que telefonamos está a fazer-se na praça do Municipio, a concentração dos representantes de todas as classes trabalhadoras que, com os seus estandartes e bandeiras, vão homenagear a direcção do Gremio dos Importadores de Bacalhau e Arroz, cuja sede será visitada pelo sr. dr. Rebelo de Andrade.

Noticias do Torel

AMEAÇAS DE MORTE — O sr. José de Oliveira, rua Direita da Ameixoeira, 35, queixou-se na P. I. C. contra um individuo, cujo nome e morada indicou, que entrou na sua residencia, por meio de arrombamento, tentando assassiná-lo. A Policia vai averiguar o fundamento da queixa.

MULHER-HOMEM — Foi hoje enviada para o Tribunal da Boa-Hora Ana Candida Pais, mais conhecida pela «Mulher-Homens», por ter praticado burlas no montante de 23 contos. Num estabelecimento de venda de bicicletas que ela tinha foram-lhe apreendidas seis maquinas e 36 «bichas» de travar, que vão ser entregues aos seus respectivos donos.

DESAPARECIDO — Desapareceu de casa de sua familia, na estrada de Benfica, n.º 599, 3.º, Antonio Barata, de 16 anos.

Um processo «serio»

de negociar em predios

ficando com o dinheiro

José da Encarnação, que conta no registo policial nada menos de 25 prisões, umas por agressão e outras por abuso de confiança, montou ha tempos um escritorio na avenida Pedro Alvares Cabral, 1, 2.º, a que deu o pomposo nome de «Sociedade Predial Lisbonense». Ajustavam-se ali vendas de campos e hipotecas de predios, trespasses de estabelecimentos, etc., com «sordieade absoluta», como se lê nas facturas e réclamos da empresa. A seriedade, de facto, nada deixava a desejar, tanto assim que o agente Carlos Valente se viu obrigado a meter novamente nos calabouços do Torel, o José da Encarnação, dando assim curso a duas queixas: que havia recebido contra ele. Uma era do sr. Antonio Martins Amorim, socio da firma Amorim & Lima, Lda, que ficou sem 5.000\$00 na liquidação da referida firma, assunto que o preso tomou a seu cargo, e outra duma senhora de Vila Franca, que lhe confiou outros 5.000\$00, para principio de compra dum predio. Escusado será dizer que nenhum dos clientes recuperaram o seu dinheiro.

Ha dias, José da Encarnação, que já se sentia milionario, ou a caminhar para lá, comprou um automovel. A primeira experiencia de volante que fez resultou desastrosa. Derrubou uma arvore na rua de Artelharia 1, mas não se atrapalhou. Abandonou o carro, depois de ter telefonado para uma garage para que o fôsem buscar, e seguiu a pé. Ou por que estivesse, ou por que se sentisse fatigado, meteu-se num automovel na rua Joaquim Antonio de Aguiar, pertencente ao sr. Joaquim Vilar, e de que é «chauffeur» Adriano Nivalho. Este, que se encontrava a certa distancia do carro, foi surpreendido pelo ruido dum motor. Os «chauffeurs» distinguem-nos. Era o do automovel confiado á sua guarda. Correu para o veiculo. Qual não foi o seu assombro ao ver sentado ao volante um desconhecido.

— Então que é isso? — perguntou-lhe.

E o Encarnação, segurissimo da propriedade: — O que tem você com isso? Ora não querem lá ver...

O «chauffeur», á força, pretendeu paralisar-lhe os movimentos. O burlão, por seu turno, só queria safar-se, empregando esforços desesperados.

Resultado: o carro foi esbarrar numa parede, tendo sofrido pequenas avarias.

Era o segundo naquelle dia. Ao que parece, o Encarnação pretendia bater Campbell em corridas de automoveis.

A Inglaterra réarma

O novo secretario militar do ministerio da Guerra

LONDRES, 23.—Anuncia-se a nomeação de lord Gort para secretario militar do ministerio da Guerra. Interpreta-se geralmente esta nomeação como um novo esforço de Hore Belisha para acelerar o recrutamento. Parece igualmente que o ministro da Guerra tenciona introduzir proximamente um plano para a accleração das promoções em todos os postos.—(Havas).

O incidente de Tunis

Uma «démarche» de Blondel em Roma

PARIS, 23.—De fonte autorizada anunciam que Blondel, encarregado de negocios da França em Roma, fez ontem á tarde uma diligencia junto do director politico do palacio Chigi acerca do incidente provocado em Tunis pelos cadetes e marinheiros italianos dos navios-escolas «Americo Vespucci» e «Colombo».—(Havas).

A defesa de Londres

ESTOCOLMO, 23.—O «Dagens Nyheter» comunica que o governo britânico acaba de concluir com algumas casas suecas novos contratos importantes para o fornecimento de minerais. Alem disso, a Inglaterra encomenda uma grande quantidade de canhões anti-aereos suecos de 40 mm. num valor total de 30 milhões de corôas, para a defesa anti-aerea de Londres.—(D. N. B.).

As manobras alemãs

LONDRES, 23.—O marechal do Ar, sir Cyril Deverell, sir Arthur Longmore e o general sir Edmund Ironside, partiram ontem num avião da «Royal Air Force» para Warnemuende, nas costas balticas da Alemanha. Aquelas entidades vão assistir ás manobras combinadas do exercito, esquadra e aviação alemãs a convite do marechal von Blomberg.—(Havas).

O dia religioso

AMANHÃ, 24. — Nossa Senhora das Mercês.

Lausperene, está na igreja de Nossa Senhora das Mercês; às 9, missa; às 18, terço de beneditos.

Falta de higiene

ENTRONCAMENTO, 20. — Esta importante e laboriosa vila ribatejana, com perto de 6.500 habitantes, continua a marcar o seu progresso, desdobrando-se em sucessivos melhoramentos públicos, mas pouco cuidando da sua higiene, factor importante que a desvaloriza os olhos do turista que diariamente aqui desembarca.

Existem locais publicos que constituem verdadeiros focos de infecção, descurando-se completamente a sua limpeza, tais como o largo da estação dos caminhos de ferro e o cruzamento das estradas entre a rua 5 de Outubro e o Bairro Novo. As fachadas de alguns prédios têm tal falta de limpeza e de pintura que estão verdadeiramente vergonhosos. A quem de direito mais uma vez pedimos providencias, pois, com pouco trabalho e dinheiro, a vila de Entroncamento ficaria livre deste vergonhoso estado de coisas que apenas demonstram desleixo facil de eliminar, a bem da saúde publica e da reputação desta vila.

Noticias de Chaves

CHAVES, 22. — Está marcado o dia 3 do proximo mês de outubro para a visita que o magnifico Orfeão do Prto projecta fazer a esta cidade, para cantar no elegante «Teatro-Cine Parques». Ha grande regosio pela vinda de tão afamado conjunto artistico que, sob a magistral direcção do consagrado maestro Raul Casimiro, nos proporcionará, naquela noite, um verdadeiro espectáculo de arte.

—Agradecendo algumas visitas que diversas pessoas lhe foram fazer a Vidago, esteve ontem em Chaves, a esposa do venerando Chefe de Estado e nossa illustre conterranea, sr.^a D. Maria do Carmo Fragozo Carmona, desvelada protectora dos pobres desta terra.

Homenagem a um provedor

VILA DO CONDE, 22. — Promovido por um grupo de vilacondenses, admiradores das altas qualidades do provedor da Santa Casa da Misericórdia, sr. dr. Antonio Francisco Ribeiro da Silva, realisa-se no proximo sabado, pelas 20 horas, no Palacio Hotel desta praça, um banquete em sua honra. Já se encontram inscritas muitas dezenas de vilacondenses, esperando-se que atinjam centenas, tais são as simpatias de que o dr. Ribeiro da Silva goza no nosso meio, graças á sua acção, e á dedicação pelo Hospital da Misericórdia que ha cerca de 8 anos vem honesta e honradamente administrando.

OS QUE MORREM

General Horthy

VIENA, 23. — O general de cavalaria Stefan Horthy, irmão do regente da Hungria, faleceu nesta cidade, com a idade de 79 anos, em consequencia de uma pneumonia. — (D. N. B.).

MORTO POR UM COMBOIO

Pelo comboio da Beira Baixa, foi hoje colhido, entre as estações dos Olivais e Moscavide, o sr. Cristovam Oliveira, empregado principal da C. P., reformado. O infeliz teve morte imediata, tendo o facto sido comunicado ás autoridades locais.

TAURÓMAQUIA

Domingo, em Alcochete

Em Alcochete realisa-se no proximo domingo, a beneficio da Misericórdia e seu asilo, uma garralada que terá dois cavaleiros — Estevão de Oliveira e Antonio Jorge Marques — dois bandarilheiros amadores — José Lopes Rosa e Henrique Oliveira — três profissionais — «Alé», que lidará um garraio embolado á espanhola, Plá Flores e José Coimbra — um valente grupo de forcados e um intervalo comico por João Lopes Rosa. O gado entra a pé, na manhã da corrida, e um dos garraios será para curiosos. O vapor parte de Lisboa ás 9 e 30, e regressa ás 20 horas.

Preços populares no vapor e na praça.

CASA PINTO COELHO
Chapéus Modelos
R. Alexandre Herculano, 61
Encontra-se esta Casa encerrada por estar em Paris Isabel Pinto Coelho.

TEATROS E CINEMAS

Shirley Temple no Odéon e Palacio

Os cinemas Odéon e Palacio, que têm como «mascotte» a juvenil e graciosa Shirley Temple, inauguraram ontem a sua temporada de inverno com o melhor filme que do pequenino idolo de Hollywood, e de todo o mundo, tem vindo a Portugal. E o publico dos dois cinemas, solidarizado com a simpatia da gerencia de ambos, encheu as salas da rua dos Condes e da avenida Duque de Avila.

No filme, cuja acção se desenrola na China, e no qual Shirley Temple surge cantando melhor que nunca, tomam tambem parte Robert Young, delicioso de humorismo, e Alice Faye, num fio amoroso que «a menina Ching-Ching» anima jovialmente.

Acompanhando «a menina Ching-Ching», figura no programa, que agradou plenamente, outro filme, «Charlie Chan nos jogos olimpicos», de Warner Oland, outro artista «mascotte» de Vicente Alcantara, o empresario de ambos os cinemas. Ao lado de Warner Oland, sempre misteriosamente oriental, figuram Katherine de Mille, Henry Gordon e Allan Lane.

Conclusão: o Odéon e o Palacio entraram no inverno com um programa de exito, com o pé direito. — R. P.

Atrás do reposteiro

Ainda dentro deste mês começarão em Lisboa os trabalhos para a «tournee» que em meados de outubro vão realizar pelo país as duas illustres artistas Adelina e Aura Abranches, á frente duma companhia de comédias e dramas, de que tambem fará parte o neto da primeira e filho da segunda, Fernando Abranches Grijó, figurando no elenco, ainda incompleto, o actor Rafael Marques. Percorridas as provincias de Portugal, com uma possivel temporada em Lisboa, esta companhia, quando tiver erguido todo o seu repertorio, fará ainda uma digressão pelas ilhas da Madeira e dos Açores, onde Adelina não vai ha muitos anos e onde Aura nunca foi.

—O xadrez teatral de ante-ontem para ontem fixou-se no caso de certo actor, abespinhado por não poder fazer um «compère» todo «papo-sêco», para o qual já havia estudado atitudes e mandado fazer uma andaina azul com botões encarnados, vêr-se constrangido a fazer o mesmo «compère» no sistema de «bota de elastico».

—Realiza-se hoje, no Avenida, a ultima representação, pela companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, da peça «O Saltimbanco».

—Enquanto pelos cafés e pelo Parque Mayer se vão discutindo as possibilidades do elenco do Trindade, na companhia de operetas, que ali se estreia no dia 1 de outubro, com a «Viuva alegre», o empresario José Loureiro vai enriquecendo o referido elenco com elementos novos, tendo varias figuras para estreiar e tendo contratado ontem Alberto Reis e Virginia Soler.

—No Variedades, sob a direcção de Vasco Santana, começaram ontem os ensaios da nova revista deste teatro «Olá, quem brinca», cujo elenco está já completo em todos os seus elementos.

—São quatro os elefantes que o domador Oscar Fischer vai apresentar no Coliseu, na grande companhia de circo que ali se estreia no proximo sabado.

—A companhia Maria Matos fará a sua temporada de um mês, no Sá da Bandeira, no Porto, cumprindo durante parte de novembro varios contratos em Braga, Viana do Castelo, Viseu, Aveiro e Coimbra, para estreiar em fins de novembro ou no começo de dezembro, no Trindade, com a comédia «A nova rica», adaptada por Lino Ferreira e Fernando Santos, da comédia espanhola «Mamá Inês», de Enrique Suarez de Deza.

—Não se confirma que determinado empresario intente retirar-se da vida de teatro tão cedo, que um nosso camarada projecte escrever um livro sobre o referido empresario.

AVENIDA
HOJE: ás 9 1/2 horas
ULTIMA REPRESENTAÇÃO
DE
O SALTIMBANCO
2ª manhã - 1.ª representação neste teatro da peça
O PAI
Protagonista: Alves da Cunha

AMANHÃ no **MARIA VITORIA**
A's 8,30 e 11 horas - Duas sessões

Estreia da Revista Popular
O CARTAZ
DE LISBOA

—Na festa «A noite de filigrana» que, no sabado, se realiza no Casino do Estoril, promovida por Erico Braga e o realizador Janou, tomam parte a actriz Filomena Casado, Carmina Pereira, Cressy e Rafalex e o «Ballet Rouge», organização deste ultimo.

—Para se realizar esta noite mais um ensaio de afinação da montagem da revista «O Cartaz de Lisboa», a estreia desta peça, no Maria Vitoria, foi fixada para amanhã, em duas sessões, ás 20 horas e 30 e ás 23 horas.

Uma boa noticia

Acorrendo ás bilheteiras do Coliseu, já hoje o publico manifestou a sua impacencia por ver a sua querida casa de espectaculos com as novas obras e principalmente por assistir, depois de amanhã, sabado, á estreia da Grande Companhia de Circo que, com a variedade das suas atrações contratadas directamente dos principais circos estrangeiros, vai inundar Lisboa de alegria. Vem aí os palhaços e, com eles, os bichos anestrados, os artistas que realizam coisas fantasticas e inconcebíveis. Domingo é mundo de fenomenos e raridades. Domingo é a primeira «matinée» dedicada ás crianças. Continua a venda de bilhetes.

«O Pai», por Alves da Cunha

O grande actor José Alves da Cunha apresenta amanhã, no Avenida, um espectáculo que tem todos os predicados duma sensacional «première». Conforme já noticiámos, representa-se a celebre peça, em 3 actos, de Strindberg, «O Pai», tradução de Manuel de Macedo, na qual este grande artista vai, pela primeira vez, interpretar o protagonista, papel erigido de dificuldades, mas que o eminente actor interpretará á altura do seu formidavel nome no teatro. A distribuição de «O Pai» é a seguinte:

Capitão Adolfo, Alves da Cunha; Laura (sua mulher), Emilia de Oliveira; Berta (sua filha), Olga França; Ana, Maria Pinto; Pastor (ministro protestante), Manuel Correia; Medico, Manuel Bessa; Noid (impedido), Henrique Campos e Ordenança, Eduardo de Matos.

Cinema Olimpia

A reabertura do popular Olimpia efectua-se sexta-feira, 1 de outubro, com um programa completamente novo em Portugal: o super-filme de grande aparato «Oiro que queima» e o empolgante romance de aventuras «Cigano Ladão». De futuro, as estreias naquele cinema são ás sextas-feiras, em «matinées» e «soirées» da moda.

A reaparição de Joan Crawford

A reaparição de Joan Crawford constituiu um autentico exito! Todas as noites o «São Luiz» se enche com os admiradores da linda estrela, ansiosos por a verem na engraçadissima comédia «A Ultima Conquista», onde ela aparece ao lado de William Powell e Robert Montgomery.

CARTAZ

TEATROS

Avenida—A's 21 e 30—«O Saltimbanco».
Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres».
Variedades—A's 20 e 45 e ás 23—«A Senhora da Atalaia».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Capitolio—A's 21 e 15.
Chiado Ferrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Eden Cinema—R. Alvitto—A's 21.
Odéon—As 21 e 15.
Pavilhão Português—A's 21.
Rex—A's 21.
Royal-Cine—A's 21.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

EDEN TEATRO

CHUVA DE MULHERES

2 SESSÕES

A's 8,45 e 11

HORAS

REVISTA

A pedido do publico!

Até Domingo A's 8,45 e 11 horas

no

VARIEDADES

as ultimas noites da opereta popular

A SENHORA DA ATALAYA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

Uma linda exposição de frutas e flores do outono

No atrio do teatro Nacional, foi hoje oficialmente inaugurada mais uma interessante exposição de flores e frutas do outono da conceituada firma portuense Moreira da Silva & Filhos, a quem se deve em grande parte o culto pomicol e floral que se nota hoje no nosso país.

A's 15 horas, chegaram os primeiros convidados, entre os quais devemos destacar os srs. general Amílcar Mota, representando o sr. Presidente da Republica; tenente-coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa; dr. André Navarro, director do Instituto Superior de Agronomia; Freitas Brito, presidente do Conselho Central das Juntas de Freguesia de Lisboa; dr. Augusto Barjona de Freitas e Gil Ramos, respectivamente, director e professor da Escola Agrícola de Queluz; Carlos de Ornelas, etc.

Coube ao sr. general Amílcar Mota o honroso encargo de inaugurar a linda exposição. Em «corbeilles», pirâmides e, por vezes, isolados, vêem-se admiráveis frutos, de magnifico aspecto, e que devem ser saborosissimos. Decorando o local, ramos de cravos de boa estirpe vegetal, cuidadosamente cultivados, dalias gigantes, de pétalas sumptuosas, etc.

A interessante exposição, que certamente vai constituir mais um triunfo para Moreira da Silva & Filhos, conserva-se aberta durante três dias.

A Exposição Teatral Portuguesa

reabre no dia 1 de outubro

A I Exposição Teatral Portuguesa, organizada pela Camara Municipal de Lisboa para corresponder ao convite da Academia das Ciencias quando da comemoração do IV centenario da morte de Gil Vicente, reabre no proximo dia 1 de outubro, para satisfazer os numerosos pedidos das pessoas que só agora regressam de férias e que a desejam visitar.

O curiosissimo certame, que durante os meses de julho e agosto, em que esteve patente no Palacio Galveias, ao Campo Pequeno, alcançou um exito invulgar, manter-se-á aberto até 31 de outubro, todos os dias, excepto ás segundas-feiras, das 14 ás 19 horas, sendo a entrada gratuita.

Uma rapariga que quiere estudar

Uma pobre rapariga, orfã e sem meios, pretende tirar o curso de parteira mas as pessoas de familia que a protegem não têm, tambem, disponibilidades que lhes permitam pagar-lhe a matricula, na importancia de 200\$00.

Resolveu, por isso, apelar para os corações bondosos dos nossos leitores. Até 29 do corrente, vespera da data em que expira o prazo para a matricula, aceitamos quaisquer donativos na nossa administração.

Programas de hoje

S. LUIZ

A ULTIMA CONQUISTA

espirituosa comédia

com Joan Crawford, William Powell e R. Montgomery

A's 21 e 30

Telef. 2 7172

CONDES

MARIA PAPOILA

(em exclusivo)

filme de Leilão de Barros, com Mirita Casimiro, Antonio Silva, Dr. Eduardo Fernandes e um tado por Amaranite.

A's 21 e 30

TEL. 22623

ODEON

Exito triunfal do primeiro programa da epoca

A's 21 e 30

Telef. 2 6183

PALACIO

A menina Ching-Ching

filme musical com Shirley Temple

A's 21 e 30

Telef. 4 7163

Charlie Chan nos Jogos Olimpicos

com Warner Oland

CAPITOLIO

Noite de Gloria

O Ralo da Morte

fel. 27493 A's 21.15

No terraço e no salão

REX

CORTEZA

Uma pequena da provincia «Canção Nacional» No Cinema e Salão de Festas

Telef. 2 6656

A's 21 e 15

PAVILHÃO PORTUGUÊS

CONTRA ESPIONAGEM

Trinta dias principesca

ROYAL

O trevo de 4 folhas

Não me esqueças

Telef. 45037

A's 21

CASINO ESTORIL

Valsas de Viena

A's 21 e 30

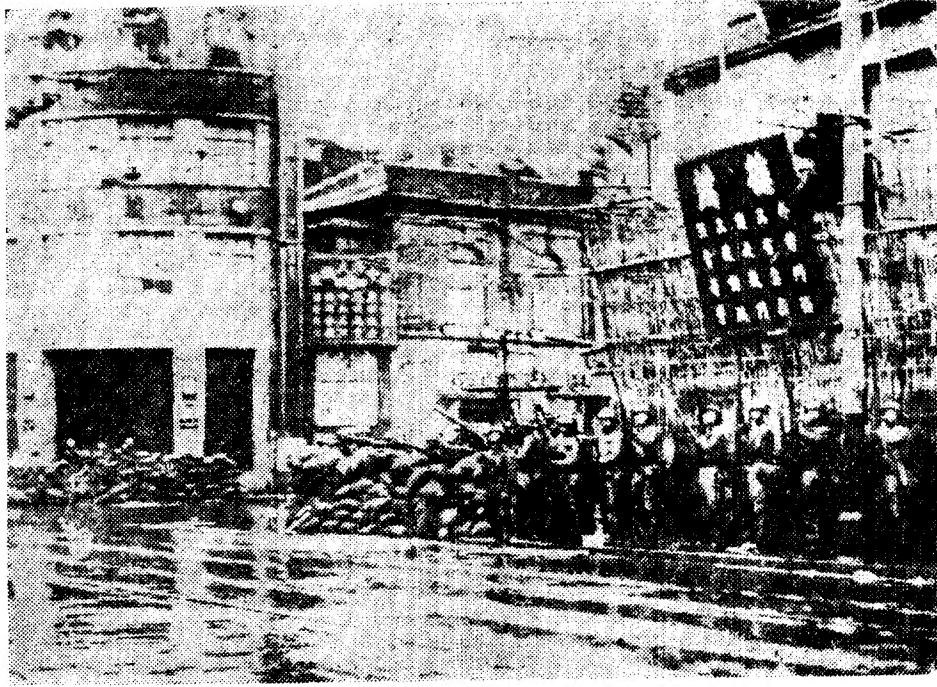
A GUERRA NO EXTREMO-ORIENTE

MAIS UMA JORNADA NACIONAL

Cantão apresenta um aspecto desolador

O sr. ministro do Interior proferiu o ultimo discurso acêrca das proximas eleições

cheia de montões de destroços e de cadáveres



Soldados japoneses defendem-se dos ataques aereos a tiros de espingarda, nas ruas de Changai

LONDRES, 23.—De Cantão comunicam á Reuter que a maior parte das bombas que os aviões japoneses lançaram esta manhã, caíram no bairro chinês. Receia-se que o numero de vítimas seja consideravel em certas ruas dos bairros populosos onde os predios foram completamente destruidos. Os cadáveres jazem uns sobre os outros. Entre os escombros vêm-se membros despedaçados e espalhados. Milhares de pessoas teriam perecido durante os «raids» de ontem e hoje. O bombardeamento desta manhã durou apenas um quarto de hora. Participaram nele 10 aviões japoneses. Aviões de caça chineses levantaram vôo, mas não conseguiram pôr em fuga os japoneses.

De Toquio comunicaram á Reuter que durante os «raids» aereos de ontem 4 centros militares importantes foram gravemente danificados em Cantão. Por outro lado declara-se que durante o «raid» de terça-feira foram abatidos 31 aviões chineses.—(Havas).

Missão catolica francesa bombardeada

CHANGAI, 23.—De origem autorizada informam que os aviões japoneses lançaram, no dia 21 do corrente, 30 bombas sobre a missão catolica francesa de Sien-Hsien, no sul da provincia de Ho-Pei. Os estragos causados são importantes. O pessoal da missão ficou indemne.

A «Central News» informa que 20 aviões japoneses bombardearam Ta-Yuan, capital de Shan-Si, no dia 21 ás 13 e 15. Aviões chineses de caça atacaram-nos, abatendo quatro. Dois aviões chineses ficaram danificados.—(Havas).

As operações militares

A ofensiva japonesa ao sul de Pequim e de Tien-Tsin progrediu agora até perto das linhas de defesa chinesas de Pauting-Fu e Tschangtschau. O quartel general japonês na China do norte anuncia que se travaram violentos combates em Pauting-Fu e Tschangtschau. As tropas japonesas tentaram quebrar a resistencia chinesa e procuram tomar de assalto Tschangtschau, na linha dos caminhos de ferro de Tien-Tsin-Poukau. A aviação japonesa desenvolveu muita actividade e procurou dificultar as comunicações com a retaguarda, bombardeando as posições chinesas que haviam sido reorganizadas.

Anuncia-se a tomada imminente de Pao-Ting pelos japoneses. As tropas chinesas batem em retirada em direcção ao sul. É verosimil que o Estado Maior chinês abandone a segunda linha de defesa e que retire as suas tropas para uma terceira linha que passa pelas alturas de Tai-Yuan e Chin-Chia-Tchuang. A Marinha japonesa aumenta a sua actividade em Changtung. Os hidro-aviões japoneses bombardearam o aerodromo chinês de Tsi-Ning.

Incerteza á volta da atitude de um exercito chinês

TOQUIO, 23.—Nos meios politicos observa-se com particular atenção a atitude do governador da provincia de Changtung, Hamfu-Chu, assim como a do exercito dessa provincia, de cerca de 60.000 homens. Hamfu-Chu tinha evitado, até agora, tomar uma atitude no conflito sino-japonês. Os japoneses tinham evitado igualmente estender as operações a esta provincia, mas

agora o avanço nipónico ao longo do caminho de ferro de Tien-Tsin-Poukau aproxima as tropas da provincia de Changtung, que tomará posição a favor ou contra o Japão, o que terá uma notavel influencia no desenrolar dos acontecimentos na China.—(D. N. B.).

Assistencia ás vítimas de guerra

ROMA, 23.—Pio XI destinou uma importante soma para auxiliar as missões catolicas de Changai. A Obra de Propaganda da Fé enviou tambem um importante subsidio á obra de assistencia aos refugiados, organizada pelos missionarios, em Pequim.—(Americana).

A imprensa inglesa perante o bombardeamento de Nanquim

LONDRES, 23.—O «Yorkshire Post», a proposito do bombardeamento de Nanquim, escreve: «O bombardeamento de Nanquim é um acto de barbarismo sem precedentes. As populações das outras capitais estão sujeitas a cada momento—e sem declaração de guerra—a sofrer os mesmos horrores que as de Nanquim e Cantão, a não ser que os seus países estejam em condições de exercer represalias não menos sangrentas. Os acontecimentos da China—conclui—mostram aos cepticos a necessidade absoluta da realização imediata do programa do rearmamento».

O «Manchester Guardian» diz: «É caso para perguntar se os aviões que bombardearam Nanquim receberam instruções para poupar a população civil. Madrid e Guernica são precedentes que não devem servir de desculpa para actos tão pouco necessarios como cruéis, tão indesculpaveis como indignos».—(Havas).

SANTAREM, 23.—O sr. ministro do Interior encerrou hoje nesta cidade a serie de conferencias iniciadas em Setubal para exposição da importancia das proximas eleições para as Juntas de Freguesia.

O sr. dr. Pais e Sousa, que de Leiria foi ontem pernoitar a Lisboa, e que seguiu para Santarem no «rapido» das 8 e 40, foi esperado na estação por varias entidades representativas da cidade e pelo deputado sr. dr. Carlos Borges. Após alguns momentos de repouso no Hotel Central, onde foi muito cumprimentado, o sr. ministro do Interior fez a pé o percurso através da rua Capelo e Ivens, decorada com colchas e tiras de saudação e «vivas» a Carmona, a Salazar e ao Estado Novo, até ao Teatro Cine Sá da Bandeira. Acompanharam o sr. ministro em todo o trajecto, uma «lança» da legião, sob o comando do sr. dr. Antonio Canavarro, banda dos Bombeiros de Santarem, bandeiras da Associação Comercial e Sindicatos da cidade e arredores. Prestou guarda de honra uma bateria de Artelharia 3, sob o comando do capitão Romeu, á qual o sr. ministro passou revista.

Iniciou-se em seguida a sessão, a que presidiu o sr. ministro, ladeado pelos srs. Antonio de Basto, presidente da Camara; deputado dr. Carlos Borges; dr. Manuel Antonio Branco, presidente da Junta Provincial; major Cabrita, comandante militar; capitão Lino Valente, comandante concelho da «Legião Portuguesa»; tenente Antonio Basilio e Nuno Duarte, secretario da Camara.

Ao fundo formava a «lança» da «Legião Portuguesa».

A sala, completamente cheia, e cobertos os balcões com dísticos patrióticos, oferecia um aspecto imponente. No palco, dando fundo, a teoria dos estandartes multicóres. E os «vivas» ressoaram até que o sr. ministro tomou lugar e abriu a sessão.

O presidente do Municipio de Santarem, sr. Antonio de Bastos, saudou o sr. ministro, afirmando representar a vontade da cidade e do distrito. (Apoiados). Fez o elogio do sr. dr. Pais de Sousa, pessoalmente e como embaixador de Salazar, «que cá dentro e lá fora tem tal prestigio que conquista os adversarios e causa admiração aos estrangeiros que ontem nos olhavam compadecidos. Ao homem que tão alto soube levantar Portugal não se pode regatear aplausos, merecidos tambem pelo filho do povo que tão bem compreende a verdadeira democracia». E por assim zer, o orador pediu a todos lhes respondessem quem manda e quem vive. E o nome de Salazar ecoou pela sala, toda de pé.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. dr. Carlos Borges, que começou por afirmar que a União Nacional do distrito de Santarem, que nunca incomodou o sr. ministro do Interior, nem com ambições, nem com dissídios, vem pela sua boca saudar o titular que nunca recusa justiça a ninguém e a todos atende com bondade.

E no sr. dr. Pais de Sousa saudou tambem «o defensor da ordem e mensageiro de Salazar e seu melhor amigo e mais íntimo confidente». A União Nacional—disse—agradece a presença do sr. dr. Pais de Sousa em Santarem, que muito o aprecia e estima. (Grande ovação).

«É possível que na sua peregrinação e noutras terras tenha encontrado maior numero de pessoas a recebê-lo, mas em parte alguma com mais entusiasmo e fé».

Continuou o sr. dr. Carlos Borges, manifestando que todos têm fé em Salazar, «o reconstructor da Patria, modelando-a na sua nova economia, restituindo-nos a dignidade, formando o Estado Corporativo, e podendo Portugal afirmar no concerto das nações o seu direito a ser livre». (Ovação).

«Portugal é hoje uma pessoa de bem que cumpre os seus tratados e a sua palavra, como disse Salazar, mas não consente que ninguém governe na sua casa, e nisto é irredutível, nisto é na ordem que os inimigos pretendem perturbar. Somos pequenos, mas não pre-



O teatro de Santarem encheu-se para o discurso do sr. ministro

cisamos ser tutelados. Estes serviços devemos a Salazar, e a certeza de que Portugal já é respeitado».

O sr. dr. Carlos Borges concluiu, afirmando que a visita do sr. ministro do Interior é uma lição de civismo, pois demonstra como um ministro se deve aproximar do povo para o ouvir e para lhe dizer aquilo que o governo faz e deve ser explicado.

—A nova organica social vai ser esutada com atenção—disse—e antes afirmou que pela primeira vez em Portugal, depois de 5 de outubro, se publica um Código Administrativo que ele, orador, discutiu na Assembléa Geral e que o sr. ministro, com grande boa fé, faz publicar a titulo de experiencia, formula que devia ser adoptada noutros diplomas de importancia.

«Acabou a mentira do sufrágio universal—disse—e acabaram os comícios eleitorais com falsas promessas, politica de corrupção e mistificação que termina com a nova organica administrativa».

Agradeceu ainda o facto da cidade de Santarem ser elevada a capital de provincia, a provincia do Ribatejo.

«Receba o sr. ministro e o governo do Estado Novo o agradecimento dos habitantes da cidade».

E, finalmente, afirmou que na União Nacional de Santarem todos estão unidos em volta de Portugal e do seu chefe, prontos a comparecer na hora de serem chamados com a palavra «presente», e, soltando um «viva» a Salazar! («Vivas» e aplausos prolongados).

O discurso do sr. ministro do Interior

O sr. ministro do Interior começou depois o seu discurso, dizendo da viagem que vem fazendo pelo país e do carinho com que hoje lhe foram abertas as portas de Santarem, com carinho e grandeza, fazendo-lhe ver a dificuldade de bem agradecer a todos e aos oradores que o saudaram, dos quais fez o elogio.

«O discurso admiravel do sr. dr. Carlos Borges foi uma síntese de Salazar, um hino á Patria»—afirmou o sr. dr. Pais de Sousa.

Disse depois atingir hoje a ultima jornada das suas viagens, afirmando haver encontrado por toda a parte unidade, coesão e homogeneidade, a trilogia do ano 8.º da Revolução Nacional. «Abençoado seja Portugal, e os chefes que o orientam para os altos destinos das patrias que não morrem». (Ovação).

Referiu-se depois á publicação do novo Código Administrativo e aos seus principios e altos conceitos para nova organização administrativa, ordenação de materias e seus aspectos mais salientes para a vida do país, prestando, como em todos os seus discursos, homenagem aos seus legisladores. Fo-

Hoje em Santarem mas eleições

Inaugura-se depois de amanhã na Estrela a nova estação automatica

«The Anglo-Portuguese Telephone C.º Ltd.» é uma empresa que não descança á sombra dos louros colhidos, e procura sempre modernizar e melhorar o seu serviço. E, continuando a executar o seu programa orientado em tal sentido, inaugura, depois de amanhã, sabado, ás 15 horas, com a assistencia do Chefe do Estado, a nova estação automatica da Estrela, na travessa do Pinheiro.

O sistema automatico foi introduzido em 1930, com a abertura da estação Trindade — reunião das antigas estações manuais Central e Trindade.

Em 1934 passou ao sistema automatico a estação Norte ficando automaticos 95 por cento dos telefones da cidade de Lisboa. Foi escolhido o sistema de cinco algarismos que dá a capacidade teorica de 100.000 assinantes. As estações principais têm a capacidade de dez mil linhas. Das duas primeiras, a «Norte» já ultrapassou esse numero, e teve de ser instalada no mesmo edificio uma nova unidade de dez mil numeros (numero inicial 5; numeração 50.000.).

A estação Trindade está também quasi cheia, já conta mais de 9 mil numeros. Teve, portanto, de se pensar na abertura de uma nova estação.

Tem de prever-se com muita antecedencia os trabalhos desta natureza. Ha, portanto, já alguns anos que a questão foi estudada e resolvida. Porém, só ha cerca de dois anos é que os trabalhos começaram com intensidade.

A Estrela é, pois, a terceira estação automatica de Lisboa. Tem uma capacidade inicial de 4.700 linhas que pode ser ampliada até 10.000. No dia da abertura são transferidos 2.800 assinantes.

Para fornecer energia electrica á nova estação, foi instalado, pelas Companhias Reunidas Gás e Electricidade, um posto de transformação especial dentro do edificio. Dois grupos de motores-geradores transformam a energia electrica em corrente continua de 50 volts e duas baterias de acumuladores asseguram a continuidade de fornecimento de energia á estação.

Ha ainda um grupo Diesel-electrico de reserva, que pode entrar em funcionamento no caso de faltar a corrente da distribuição publica. Dois grupos conversores fornecem a corrente para tocar campainhas e para os diversos sinais (de marcar, de tocar, de impedido, etc.).

O edificio da Estação custou 350 contos e a sua aparelhagem, fornecida pela Casa Automatic Electric Company, de Liverpool, importou em 6 mil e seiscentos contos da nossa moeda.

Depois de amanhã, solenemente, a um sinal do Chefe do Estado, entra em acção o complicado mecanismo que constitui uma estação telefonica. Cortam-se primeiro as ligações dos assinantes a transferir com as suas actuais estações; logo a seguir retiram-se as tiras isoladoras que separam as suas linhas da nova estação, e imediatamente começam a chamar pelos novos aparelhos automaticos. Começará a era telefonica da numeração 60.000...

Retiro da Severa (Cine-Rex)

Rua da Palma

—HOJE—

Maria Emilia Ferreira

José Pereira

Augusto Pereira

ENTRADA FRANCA

Antigo Solar da Alegria

P. Alegria, 56—Tel. 2 4290

HOJE: Maria Virginia, Alberto

Ribeiro, Lourenço de Almeida

(estreia) e o solista de viola Mar-

tinho de Assunção

Consumo minimo: 2\$50.

Lanches para casamentos

PATISSERIE VERSAILLES

MOBILAS DA GRANJA

Se V. Ex.º vai mobilar si Casa visite primeiro as n.º exposições de mobílias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6 (ao Chado) Lisboa

COLEGIO INFANTA D. MARIA

Instrução Primaria (ambos os sexos)

Licou (exclusivamente para me-

ninas)

100 % de aprovações

AV. DE BERNE, 27, R/C e 1.º

(C. Pequeno) Tel. 18370

Barbosa & Costa L. da

Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11

apresentam o novo tapete HALCA

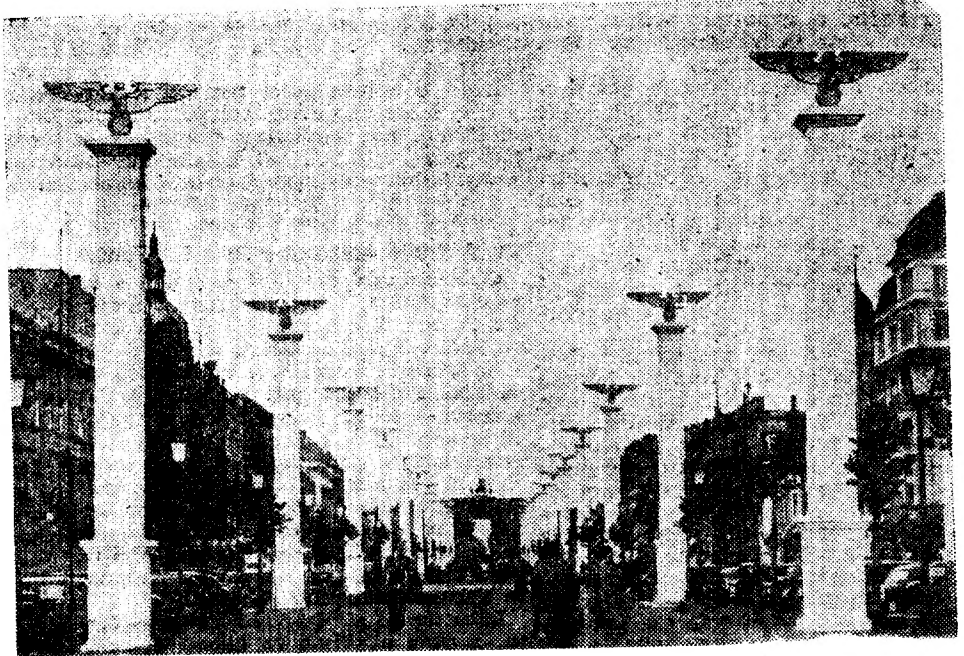
O melhor tapete Portuguez

com preços de concorrência

Grande stock

Telefone 2 3562

A Alemanha prepara-se para receber o chefe da Italia Nova



Preparativos para a recepção ao Duce nas ruas de

BERLIM, 23.—Todos os jornais publicam hoje, na primeira página, a proclamação do ministro do Reich, dr. Goebbels, por ocasião da visita do chefe do governo italiano. Simultaneamente os jornais publicam relatos sobre os preparativos para a recepção e artigos de boas vindas.

O «Voelkischer Beobachter» escreve: «Todos os berlinenses assistirão espiritualmente ao momento em que os dois homens de Estado em cujas mãos está o destino de duas grandes nações, se encontram, um momento historico no coração da Europa. Da vontade e da iniciativa destes dois homens de Estado depende o destino de toda a Europa. A luta comum de Hitler e de Mussolini para a paz e contra as forças destrutivas do bolchevismo demonstram que este destino se encontra em boas mãos. Os habitantes de Berlim festejarão a chegada do chefe de Estado italiano, e a sua estada na Alemanha, de 27 a 29 de Setembro, como um acontecimento feliz e como uma verdadeira festa unica na historia da capital».

A «Berliner Boersen Zeitung» declara que, por ocasião da visita de Mussolini a Berlim, reinará uma unidade completa entre os dois povos. Por esta razão neste dia de festa solene não haverá trabalho. A juventude escolar terá ferias mais cedo, pois o Duce não deve ver unicamente o exercicio e as formações da S. A. mas um povo com a sua juventude.

O «Berliner Lokal Anzeiger», escreve que é desnecessario frisar que esta ocasião se apresenta para confirmar a amizade que reina entre os dois povos.

O «Berliner Tageblatt» escreve: «O que é verdadeiramente notavel nestes dias historicos é que os dois homens que chefiaram a politica de dois grandes estados no coração da Europa, os criadores duma ordem que é a expressão duma mesma concepção de vida vão encontrar-se e falar a um povo que quer, não somente trabalhar e viver, mas que reconquistou de novo a sua honra».

A «Germania» declara que o encontro entre os chefes da Alemanha e da Italia é bem diferente dum encontro entre monarcas ou homens de Estado. É o encontro de duas concepções identicas, dois povos que estão de acôrdo e cujos fins de politica interna e externa são afins.

A «Berliner Volkspost» constata que

este encontro é da maior importancia e frisa a comunidade existente entre os dois povos que se concentra numa luta europeia contra o bolchevismo.

A «Deutsche Allgemeine Zeitung» declara: «Nós saudamos em Mussolini o representante duma geração heroica de antigos combatentes, o renovador da vida nacional e social da Italia e que primeiro compreendeu a luta da Alemanha para a conquista da igualdade de direitos e da sua honra».—(D. N. B.).

As suposições dos grandes jornais parisienses

PARIS, 23.—Os jornais ocupam-se com muita atenção da proxima visita de Mussolini a Berlim.

Varios jornais começam a publicar, de novo, suposições insensatas sobre as entrevistas entre Mussolini e Hitler.

O «ECHO de Paris» pretende, por exemplo, que Hitler pedirá a Mussolini «concessões relativamente á Austria».

O «Journal» diz que o eixo Berlim-Roma tem um efeito negativo para a Italia. Este jornal está de mau humor, porque Mussolini não se teria dirigido de novo ás potencias occidentais. O «ECHO de Paris» pede ainda ao chefe do governo italiano que publique, antes da sua partida, um comunicado que «possa dar uma esperança da paz».

O «Matin» afirma que Hitler e Mussolini são representantes de concepções para as quais a tarefa principal é a luta contra o bolchevismo. As entrevistas que se vão realizar dão a este entendimento uma expressão politica. A colaboração entre a Alemanha e a Italia realizar-se-ia sob diversas formas. Para a Italia, que se encontra no Mediterraneo em face de posições inglesas e francesas muito antigas, o eixo Roma-Berlim seria um importante elemento de segurança. O mesmo jornal manifesta a esperança de que os dois países procurarão garantir a paz.—(D. N. B.).

TAPETES PORTUGUESES

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais — Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

CAMAS DE CAMPANHA

MALAS-MESA

MOCHILAS, ETC.

«CAMINHO»

Antiga Casa Pequenedo

215-R. DA PRAÇA-217

EM RESPOSTA A UM ARTIGO

A expansão das idéas fascistas na China

Senhor Director:—Acabo de ler no conceituado jornal d. V., datado de 7 do corrente e da autoria do sr. Dutra Faria, o seguinte artigo: «As idéas fascistas infiltram-se na longínqua e agitada China».

Nascido nas longínquas plagas dessa, na verdade, agitada China, onde vivi quinze anos, tendo percorrido Hong-Kong, Macau, Changai, Formosa e outras paragens circunvizinhas, como Manila e Saigon, etc., foi com facilidade que constatei a reforma político-social operada nos últimos anos com o regime «nacionalista» de Chang K. Chek, confirmando a conclusão do ponto de vista do autor do supracitado artigo.

Claro é, que de há muito que a China deixou de ser a China de Fernão Mendes Pinto ou a China do padre Huc, com «ladados de arcabuz à bandoleira, um guarda-sol na mão direita e um leque na esquerda e que morriam de susto mal estrondeavam os canhões dos europeus». Contudo, lembro-me de ver um dia, uma senhora de minha família dispersar e pôr em franca debandada com um guarda-sol, nada menos que uma duzia de «culis» que discutiam com ela agressivamente, o preço de um passeio de «rickshaw». E em Macau, a rapaziada do liceu—garotices!—entretinha-se muitas vezes, nas horas vagas, a praticar o desporto da «caçada aos chiticos», quando verdadeiras batalhas para adestrar o biceps braquial no aperfeiçoamento da aplicação de certos «upper-cuts». Actualmente, estou convencido que a batida em retirada que se operava sempre por parte dos chineses correspondia mais a uma derrota psicológica, do que à eficácia dos nossos «crochets»—é que o nome e a bandeira portuguesa ainda valiam alguma coisa no Extremo-Oriente, valem mesmo muito!

Não me constou ainda que os chineses tivessem atacado algum barco que arvorasse a bandeira verde-rubra ou a miçanga católica portuguesa de Shiu Hing ou que o brioso corpo de Voluntários Portugueses de Changai ocupando sempre os postos de maior perigo, tivesse sido menos feliz no completo cumprimento dos seus deveres. Mas fora deste respeito que nos é devido, ou melhor, gratidão, a China tornou-se briosa e ativa. Os incidentes e as greves em 1924-25 no triângulo Hong-Kong, Macau, Shameen, foram a revelação da política revolucionária de Sun Yat Sen e provaram mais o carácter anti-europeu do que qualquer outra tendência «vermelha» e a altivez, chegou ao ponto do governo de Sua Majestade Britânica resolver ceder às imposições, algumas de natureza política, o que até levou certos jornais ingleses a classificar tal atitude de «ignominious surrender»!

Mas daqui a dizer, como muitos pretendem, que a China possui valor militar ainda vai muito, pois não é com a presença de «tanques» e abundância de «tanks» e aviões que se transforma de um dia para outro a «actual» indisciplina e a desorganização de um exército quasi de mercenários e a falta de espírito militar e belico de um povo essencialmente pacífico. É certo, que a China tanto faz perder 200.000 hc. na peste e inundações do rio Amarelo, como perdê-los nos fortes de Wu-Sung; só tem, pois, a defender a sua independência, ao contrario do Japão que tem, além disso, de manter o prestígio e o seu potencial militar, pelo que pretende a todo o custo uma vitória retumbante, enfrentando-se com o grosso das forças de Nanquim e evitar o golpe mortal que lhe poderá advir da resistência impertinente, demorada, quasi passiva da população civil (propaganda anti-nipônica), dos francos-atiradores e restos de exércitos já derrotados.

Hoje, tudo se transformou na China, excepto os pagodes, os salamaqueos—nas grandes cidades usa-se, epidemicamente, a «bacalhoadas»—o arroz cozido, os ovos podres, que não são podres, mas sim salmorrados e o «escarar e cospe» também tradicional. Claro é, que refiro-me não à Mong-lla ou às terras do Dalai-Lama, mas sim à zona extensa do litoral com as suas duas expressões máximas de civilização europeia, exotismos «yankees», super-luxo, cosmopolitismo pernicioso e de

ultra-modernismos extravagantes—Hong-Kong e Changai—pontos de es-pantosa actividade comercial, atractivos turísticos e agora—quem sabe?—objectivos estratégicos do Estado Maior japonês...

Hoje, o chinês já se penteia á garçonne, é assíduo e vai, talvez mais por snobismo, aos melhores «dancings» e vive nos luxuosíssimos hotéis, que só

DE LUTO

Dr. Antonio Alexandre Ferreira Fontes

Constituiu uma sentida manifestação o funeral do distinto clínico sr. dr. Antonio Alexandre Ferreira Fontes, que hoje se realizou da sua residência para o cemitério do Alto de São João. O ilustre extinto—que era formado em medicina e filosofia pela Universidade de Coimbra—exerceu durante muito tempo a clinica na Figueira da Foz e em Lisboa, e deixava profundas saudades em todos que o conheciam, não só pela sua inteligência, como pelo seu coração, sempre pronto a fazer o bem. Desempenhou também o cargo de administrador do concelho da Figueira da Foz, no antigo regime, tendo sido, por varias vezes presidente da Camara Municipal desta cidade.

Deixa viúva a sr.ª D. Angela de Castro Fontes, a quem o «Diário de Lisboa» apresenta sentidas condolencias.

Dr. Manuel de Matos Silva

PONTE DO SÓR, 22.—Vitima dos estragos duma pertinaz doença, faleceu pelas 15 horas de ontem, nesta vila, o sr. dr. Manuel Rodrigues de Matos Silva, juiz de direito aposentado e importante proprietario e lavrador desta região.

O extinto que contava 75 anos de idade, deixava viúva a sr.ª D. Margarida Vaz Monteiro de Matos Silva.

Era pai do sr. Manuel Vaz Monteiro de Matos Silva e da sr.ª D. Margarida Vaz Monteiro de Matos e Silva Camossa Saldanha, casada com o sr. dr. Augusto Camossa Saldanha, medico em Lisboa.

O seu funeral realizado hoje, constituiu uma grande manifestação de saudade, tendo-se incorporado grande numero de pessoas de todas as classes sociais.

A família enlutada apresentamos sentidos pesames.

assim se mantêm; viaja nos grandes parques da «Canadian Pacific», frequenta as Universidades da America do Norte, Alemanha e Inglaterra, pratica todas as modalidades do desporto europeu—o South China Football Association é o campeão de 1936-37, de Hong-Kong, onde compete com os melhores grupos ingleses e com o antilho campeão português: Club de Rego

Festa de caridade

No proximo sabado, pelas 21 e 30, realiza-se no Casino de Sintra, uma linda festa de arte. Promove-a uma comissão de senhoras, a favor da Corporação dos Bombeiros Voluntarios daquela vila, e do programa fazem parte alguns numeros de garantido exito, tais como: canto, poesia, anedotas por Lino Ferreira, solo de piano por Vasco Brederode, fados, etc. Seguir-se-á baile e haverá mesas de «mah-jong», xadrez, «bridge», etc.

Entre as pessoas que veraneiam em Sintra há grande entusiasmo por este sarau artistico, e os poucos bilhetes que restam encontram-se á venda na bilheteira do Casino.

As festas na Costa de Caparica

Em cumprimento do programa de festas na Costa da Caparica a favor dos pescadores pobres da região, effectua-se ali, amanhã e no sabado, um concurso hipico para o qual se inscreveram numerosos e conhecidos cavaleiros. São muitos e valiosos os premios a disputar.

Amanhã á noite, e com fins de beneficencia identicos, realiza-se no Casino um baile organizado pelo grupo «Os Tarzans».

As festas encerram-se no domingo.

Ao Comercio e Industria

Por um dispendio insignificante todos podem ver os seus lucros aumentados desde que empreguem nos seus réclames, letreiros de preços, cartazes, etc., a caneta PLASTO-FIX, e de reconhecida vantagem para a marcação de fardos, caixas, pacotes. A caneta PLASTO-FIX é uma novidade bem necessaria a todos que precisam réclamar os seus artigos. Peçam demonstrações ao depositario.

R. Assunção, 70-3.º—Telef. 2 4328.

HAVA



finalmente um pó aderente...

Não se empoe de cinco em cinco minutos. Use RÊVE O'OR, o mais aderente, o mais leve, o mais fino dos pó de arroz. RÊVE D'OR dá á tez uma incomparável suavidade, um aveludado e uma frescura encantadora.

RÊVE D'OR

Para o poder apreciar, corte e envie o cupão abaixo a

L. T. PIVER

Rua Saraiva de Carvalho, 207-B—LISBOA

Nome
Morada
Cór desejada

creio—e a mulher chinesa já não gosta do matrimonio por rapto, mas sim com o cerimonial, liturgico ou civil, pomposos e com a respectiva marcha nupcial e enxoval encomendado pelos ultimos figurinos de Paris; ela cursa Letras, Treas e Medicina, guia o seu «Rolls-Royce», dança o «fox» e o «tango», com ritmo «astalreano» e exuberancia de curvas e se não usa ás vezes, o chapéu é só para mostrar a sua riquissima e complicada ondulação Marcel; classifica-se anualmente, nas travessias a nado do porto de Hong-Kong, não conhece o «parece mal» e também conjuga com pericia o verbo «to spoon»!

Acompanhando esta profunda metamorfose, há a transformação politica, graças a Chang-Kai-Chek.

Antes deste e após a proclamação da republica, começou a farsa diaria da guerra civil, que era mais uma questão entre o general X e o general Y, por causa de uma quantia Z ou por outros quaisquer privilegios ou fosse de terrenos. E as tropas bem sabiam que os seus patrões não estavam a salvar a patria, pois, ás vezes, no auge do combate, anunciava-se a hora de almoço, ou melhor, a hora de comer o arroz—yak fán ló—e imediatamente cessavam as hostilidades de parte a parte, para á sombra de um guarda-sol confortarem o estomago.

Aproveitando-se das desavenças familiares, os «tecnicos» russos começaram a pulular pela China procurando fazer germinar o virus moscovita cujo desenvolvimento e a respectiva acomodação já não teve ocasião para apreciar bem. Contudo, salta-nos á vista, o seguinte: é que se o terreno é fértil e as classes pobres no interior são um optimo meio de cultura, como muitos julgam, de há muito que a verbosidade ensalvada e a semente de Moscou teriam produzido qualquer coisa mais macroscópica do que um simples «exercito vermelho», que não é mais do que uma «cooperativa de saltadores» que dum momento para outro, tanto pode colocar-se ao lado de Nanquim, como de Toquio, conforme o tilintar das libras!

A-pesar de tudo, a China ainda é fiel a certas tradições da sua milenar civilização e está profundamente alicerçada nas suas crenças religiosas e não é com essa facilidade toda, que troca o espiritalismo e a doutrina de Buddha, o sabio, ou a veneravel filosofia de Confucio, pelos calhamaços de Marx.

Chang-Kai-Chek não só unificou o exercito—principalmente o do sul—como também despertou a consciencia nacional de há muito adormecida, incutindo primeiro que tudo o brio, o patriotismo—á geração nova e os universitarios são assanhadamente patriotas—e o sentido de nação forte por meios pacificos e bem diferentes daqueles que foram usados pelo vago e super-idealista dr. Sun Yat Sen. E a primeira medida tomada por Chang-Kai-Chek, foi a de combater o comunismo, representado unicamente por bandos dispersos de bandidos, que conquanto sejam manejados e bem financiados por «tecnicos» vermelhos, não possuem outra finalidade politica que não seja a da pilhagem, da violencia, do rapto e massacre de freiras e missionarios—lá, tal como cá.

A doutrina «nacionalista» de Chang-Kai-Chek, se não é visivelmente de tendencias fascistas, é nitida e insofismavelmente anti-comunista. A attitude presentemente assumida com o facto russo-chinês, talvez mais comercial do que politico, não é argumento para os comunistoides de cá secundarem uma tal Taboia na afirmação de que a China enfileira-se na «frente popular anti-fascista», quando, na verdade, a China vibra sob o mais puro e franco nacionalismo sem o menor laivo «vermelho».

Chang-Kai-Chek é anti-japonês como todo o bom chinês. mas é tão anti-comunista como qualquer bom japonês e, concretizando... é, também, tão anti-europeu como qualquer bom astático.

Muito grato pela publicação destas linhas, sou de V. etc.—José F. X. de Almeida Soares, (Estudante de Medicina).

CAMPOS & C.^a
Vila Nova de Gaia
— os melhores —
VINHOS DO PORTO

ESTRANGEIRO

SATURIO PAIVA

Da Escola Dentaria de Paris
RETOMOU A CLINICA

Doenças da boca e dos dentes—Prothese
—Orthodontia

R. Santa Justa, 60-2.^o
Telef. 2 4300

Para ser membro da S. D. N.

é preciso não pagar as cotizações

GENEVA, 23. — Basta não pagar as cotizações à S. D. N. para estar seguro de continuar a ser membro deste organismo. E' pelo menos esta a experiência que faz actualmente o Paraguai, o qual, tendo dado o aviso prévio da sua retirada de Genebra sem ter satisfeito a sua cotização, se vê recusar «de jure» o direito de sair daquele organismo.

Este caso foi levantado perante a comissão orçamental pelo delegado da Noruega. Seguidamente foi citado o caso de Nicaragua, a qual se estabeleceu 20 anuidades para satisfazer os seus compromissos. O caso das Honduras foi igualmente evocado, tendo este Estado recebido a facilidade de satisfazer os seus compromissos em diversas anuidades. Finalmente o caso do Paraguai foi enviado para estudo à comissão encarregada das questões jurídicas e constitucionais. — (Havas).

A política externa britânica

é atacada pela oposição

LONDRES, 23. — A oposição dirigiu ontem vivos ataques à política externa inglesa.

Attlee declarou que a política externa do governo não corresponde à ideologia que ele diz seguir. Dalton, do partido trabalhista, declarou que o governo inglês é responsável pela situação actual e pelo perigo de guerra que existe e que ameaça toda a Europa, o que não seria possível se ele seguisse uma política externa clara e nitida. O chefe do partido liberal fez adoptar ontem, numa reunião do partido, uma resolução em que se ataca a política externa do governo. — (D. N. B.).

ELIMINE OS PELOS

COM

A LUVA DEPIILATORIA

SENHARIGILO

Processo moderno
Eficácia absoluta

Fazem-se demonstrações

A' venda nas boas casas

DISTRIBUIDORES:

VIALIS, L.^{da}

R. Fanqueiros, 62, 1.^o, E.

LISBOA

Tel. 29434



Craven 'A' não afecta a vossa
garganta Saboreie a vontade
o seu delicioso paladar
CRAVEN 'A'
CIGARROS 100% VIRGINIA
Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta

CARRERAS, LTD. LONDRES

150 anos de reputação, pela sua magnífica qualidade

A Imprensa de Varsovia ataca a Checo-Eslováquia

VARSOVIA, 23. — Os jornais mostram-se indignados com os artigos publicados nos jornais checo-eslovacos por ocasião da morte de Masaryk, nos quais se explica a política do presidente para com a Polónia, no território de Teschen. A Agencia Telegrafica polaca declara que as acusações feitas pelos jornais checos contra a população polaca da Checo-Eslováquia estão em contradição com o belo gesto praticado pelo órgão da minoria polaca na Checo-Eslováquia o «Dziennik Polski», por ocasião da morte de Masaryk. — (D. N. B.).

A' volta do duque de Windsor

LONDRES, 23. — Anuncia-se que o representante diplomático da Inglaterra em Praga protestou, junto do governo checo, contra um livro intitulado «O Rei», em que se descrevem os acontecimentos que precederam a abdicação de Eduardo VIII e se fazem afirmações que desagradam aos meios oficiais londrinos. O autor, que é o advogado Mayer, oculto sob o pseudónimo de Jaroslav Maria, manifesta simpatia pelo duque de Windsor e declarou-se pronto, segundo parece, a suprimir, na próxima edição, as passagens que provocaram reparos. — (Americana).

Amor suicida

NOVA YORK, 23. — A' entrada do «boxeur» Jack Doyle num restaurante de Hollywood, frequentado por artistas cinematográficos, levantou-se a actriz Betty Strahlmore, que, correndo para o atleta, com um copo na mão, gritou: «E's o homem que eu amo!». Ao mesmo tempo, ingeriu o líquido contido no vaso, caindo imediatamente. Levada ao hospital, a artista sofreu a lavagem de estomago, estando livre de perigo. Averiguou-se que o líquido era uma solução de sublimado. — (Americana).

O terrorismo em França

Tamburini fez declarações

PARIS, 23. — O terrorista italiano Tamburini teria finalmente consentido em falar perante o juiz de instrução Famiers—declara o «Petit Parisien».

«Embora este magistrado—diz o jornal—guarde um silêncio absoluto, parece que Tamburini não é um personagem de primeira plana na organização terrorista fascista do sul da França, mas um dos seus agentes mais activos. As suas multiplices relações e deslocacões continuas permitem pensar que era um precioso agente de informação entre Roma e Salamanca». — (Havas).

O quadrimotor «Nordwind»

estabeleceu um novo «récord»
entre a America e os Açores

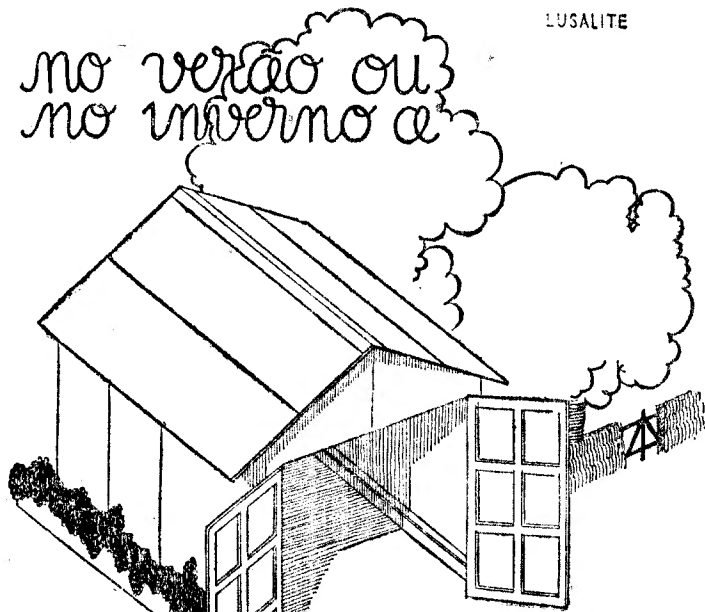
BERLIM, 23. — O avião transatlântico alemão «Nordwind», que tinha executado em 15 de setembro um vôo-récord da Horta (Açores) a Nova-York, em 14 horas e 35, obteve um novo récoredo no regresso. O referido quadrimotor, que tinha sido lançado do navio-catapulta «Schwabenland», que se encontra no porto de Nova York, de manhã pelas 4 horas e 10, amarou 14 horas e 10 minutos depois, na Horta. — (D. N. B.).

Mais vale prevenir...

LONDRES, 23. — Comunicam da Cidade do Cabo que vai ser construído num suburbio um grande deposito subterraneo de petroleo, com capacidade para 200.000 toneladas. O deposito será ligado ao porto por «pipe-lines» e destina-se a abastecer a esquadra inglesa, no caso das comunicações com o Oriente, pelo Mediterraneo, serem cortadas. — (Americana).

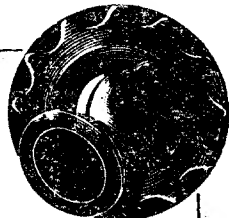
Café Restaurante TAVARES

LAGOSTAS vivas ou cozidas para fóra, kilo 18\$00.
Todos os dias Lagosta a Americana. Grandes e pequenas salsas reservadas no 1.^o andar.



**GARAGE
LUSALITE**

É O MELHOR ABRIGO
PARA O SEU CARRO
123-RUA S. NICOLAU-TEL 23948-28941



Monobotão

exclusividade

PHILIPS

**“EIS O LIBERTADOR
DO MEU ESTÔMAGO”**



Se sente o seu estômago cansado, se sofre de ardores, azias, vômitos, dilatações, azedumes ou de outras misérias que lhe tornam penosa a digestão, experimente a Magnesia Bisurada depois da sua próxima refeição. Quasi todas as perturbações digestivas tem a sua origem num excesso de acidez do suco gástrico que a Magnesia Bisurada, o verdadeiro remédio alcalino, neutraliza em poucos minutos suprimindo assim a causa dos seus sofrimentos. Os estômagos mais delicados toleram a Magnesia Bisurada que restabelece as funções do aparelho digestivo. O apetite voltará ao ingerirem-se as primeiras doses, comendo-se com a certeza de que as refeições não serão mais seguidas das dores que lhe tornavam insuportável a existência.

MAGNÉSIA

BISURADA

Vende-se em todas as farmácias, em pó e em comprimidos a Esc. 15\$00 e o tamanho grande económico, a Esc. 23\$00.

Instituto Lusitano

Colegio de Bentica para
ambos os sexos,
em sedes separadas

Telef. 58.074

ULTIMAS NOTICIAS

COLÉGIO LISBON ENSE

R. Pascoal de Melo, 13 5
T. da Escola Araújo, 30-34
Telef. 4 3619
Aberta a inscrição

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

Em Londres e em Genebra realizam-se conversações diplomáticas
para estabelecer a colaboração das grandes potências ocidentaisO problema do Mediterraneo
e as suas repercussões

Só a retirada dos voluntários estrangeiros satisfaz o governo de Paris

PARIS, 23.—A propósito das conversações de Bona-Scoppa com Yvon Delbos, o «Petit Parisien» escreve: «A França entende que o apaziguamento diplomático só poderá ser eficaz e duradouro, se os assuntos que envenenaram as relações entre Roma e Paris forem completamente afastados. Pensa-se, do lado francês, que declarações de carácter geral seriam insuficientes para serenar definitivamente a atmosfera. A retirada dos estrangeiros que combatem em Espanha seria a melhor prova da boa vontade de que a não-intervenção não é uma frase vã. Seria igualmente desejável que acabassem as tentativas de instalação em certas partes do território espanhol, sobretudo nas Baleares».

O «ECHO de Paris» escreve: «Infelizmente, graves problemas nos separam do governo de Roma. Não podemos esquecer que, à sombra da luta contra o «bolchevismo», estão ameaçadas as linhas de comunicação essenciais à nossa defesa nacional e às dos ingleses. Nada pediríamos de melhor, do que proclamar-se, num comunicado, a concordia franco-italiana, mas essa concordia deve ser real. Forçoso seria, porém, que antes disso o governo de Roma procedesse à chamada dos seus soldados».

O «Populaire» diz: «Cruelmente desapontado com a rápida conclusão do acordo naval, assinado e aplicado sem o seu concurso, Mussolini não quer ficar com a responsabilidade deste insucesso na véspera da sua entrevista com Hitler. O Duce quereria provar ao Fuehrer que não lhe está vedada a possibilidade de se voltar para a França e a Inglaterra. A sombra do acordo de Nyon, tenta, pois, propôr qualquer «arranjo» relativamente à Espanha. A este respeito, a delegação francesa mostra-se extremamente discreta. Mas a delegação italiana anuncia que Bona Scoppa assegurou a Yvon Delbos que a Itália não tinha nenhuma pretensão territorial e que não cubicava de modo algum, as Baleares. A delegação italiana diz também que o Duce teria encarregado o seu emissário de anunciar que estava pronto a declarar oficialmente que cessará, de futuro, o envio de voluntários. Estas propostas foram transmitidas a Yvon Delbos. Não podemos afirmá-lo, mas sabemos de fonte segura que o delegado da França se manteve estritamente nos limites que havia fixado no seu discurso na assembléa da S. D. N.

O «Journal» crê, igualmente, que Mussolini tem grande interesse em mostrar, antes da sua partida para Berlim, que não tem necessidade dos bons ofícios de Hitler para se aproximar de Paris e Londres, mas entende que o verdadeiro apaziguamento está subordinado à garantia de que a Itália não tem nenhuma pretensão relativamente às Baleares e deixará aos espanhóis o cuidado de solucionar livremente o seu conflito.

Segundo a «Oeuvre», durante as conversações de Genebra ter-se-ia tratado da publicação de um comunicado sugerido por Eden, no qual a Itália «lembraria que a viagem do Duce à Alemanha não podia ser aproveitada para a paz, que a paz significava colaboração e que em tal caso não podia deixar de se voltar para a França e a Inglaterra».

Só a «Humanité» parece não se regozijar com as conversações de Yvon

LONDRES, 23.—A Imprensa inglesa liga grande importância às conversações de ontem em Genebra, entre Delbos e o embaixador de Itália, Bona Scoppa, durante as quais, ao que se diz, o representante italiano teria tranquilizado o ministro dos Negócios Estrangeiros francês quanto a novos embarques de voluntários italianos para Espanha.

Outros jornais dão pormenores acerca da entrevista de ontem entre Corbin e Eden.

O «Morning Post» crê saber que durante essa entrevista foi discutida a extensão do acordo de Nyon à Itália, assim como a provável atitude do governo francês no caso da intensificação do auxílio italiano a Franco.

«Parece, diz o «Morning Post», ao mesmo tempo que insistiu no desejo de Paris de manter encerrada a fronteira dos Pirineus, Corbin declarou que a França não poderia tolerar que a intervenção italiana tomasse maiores proporções».—(Havas).

Delbos com Bona Scoppa. «A habilidade mais elementar—diz—consistia em nada conceder a Mussolini antes da entrevista de Berlim, mas Mussolini fez crer aos dirigentes franceses que a viagem revestiria um carácter agressivo, se antes não fosse dada satisfação à Itália. E' o contrario, porém, que é verdade, pois se Mussolini se apresentara a Hitler, depois de haver dissipado a impressão da derrota de Nyon, valorizara aos olhos do Reich a aliança italiana».

Finalmente, L'Epoque crê que, depois da entrevista de Berlim, a Alemanha e a Itália farão propostas sensacionais a toda a Europa.—(Havas).

Entrevistas diplomáticas em Londres

LONDRES, 23.—O «Morning Post» relata que, depois da sua entrevista de ontem com Chamberlain, Eden pediu ao embaixador da França que viesse ao Foreign Office a fim de conferenciar com ele sobre o encontro dos peritos da Itália, da França e da Inglaterra, o qual terá lugar em Paris. Corbin teria declarado, durante esta entrevista, que não havia a intenção de abrir novamente a fronteira franco-espanhola para a passagem de voluntários.—(D. N. B.).

A Rússia pensa em abandonar a Conferência de Nyon

VARSOVIA, 23.—A «Gazeta Polska» considera a ultima evolução da questão do Mediterraneo como uma nova derrota para a União Soviética.

Não é para admirar que o comissário soviético Litvinov não tenha vontade de dizer qualquer coisa antes do comunicado italiano e que prefira fechar-se no seu hotel sem receber ninguém. Em Genebra pensava-se mesmo que o comissário soviético se queria retirar significativamente da Conferência de Nyon.

O «Express Poranny» escreve que as intrigas de Litvinov, com o fim de excluir a Itália das medidas de segurança no Mediterraneo, não deram resultado. Os sonhos de Moscovo de destruir a ponte que existe entre os Estados que fazem parte da S. D. N. e os Estados fascistas terão de ser postos de lado.—(D. N. B.).

Movimentos da esquadra britânica

LONDRES, 23.—De Gibraltar comunicaram à Reuter que os submarinos «Oswald» e «Oriras» partiram esta manhã para a Grã-Bretanha, escoltados até a Cabo de St. Vln pelo contra-torpedeiro «Vanoc». Os contra-torpedeiros «Keit», «Foresiant» e «Fame» chegaram, vindos da Espanha setentrional.—(Havas).

Informações diversas

O assalto ao «C 2»

PARIS, 23.—O chefe da Polícia de

Segurança declarou aos representantes da Imprensa que o major Troncoso, foi reconhecido por meio de fotografias como sendo um dos autores do assalto ao submarino vermelho «C 2» no porto de Brest. Declara-se que os outros implicados neste assunto não serão transportados antes do fim da semana, de Bordeus para Brest.

Informam de Hendaia que foram passados mandados de expulsão contra sete franceses que habitavam Irun e San Sebastian.

Um funcionario superior nacionalista teria declarado ontem à noite que estava convencido da inocência do major Troncoso. As autoridades francesas chegariam brevemente também a esta conclusão e então poderiam ser restabelecidas as relações normais entre a França e a Espanha nacionalista.—(D. N. B.).

BORDEUS, 23.—O comandante Troncoso, que partiu de Baiona em comboio, chegou a Bordeus às 4 e 50. Era acompanhado por um oficial da gendarmaria e por dois funcionarios da Polícia especial de Hendaia. A's 6 e 20 tomou o expresso para Brest, sempre acompanhado pelos seus guardas. Passou hora e meia no comissariado especial da estação. Pelo mesmo comboio às 6 e 20 outros quatro acusados no assalto ao submarino «C 2» partiram igualmente de Bordeus para Brest: Chaix, Orandain, Satrustegui e o comandante do submarino «C 4», Las Heras.

Rafael Parella, motorista e cúmplice de Troncoso, foi transferido para Brest a pedido do tribunal daquela cidade.—(Havas).

A Polícia francesa já conhece toda a acção do major Troncoso

PARIS, 23.—O jornal «Paris Soir» declara que a actividade de Troncoso no assalto de Brest vai sendo conhecida, hora a hora.

Em 13 de setembro, Troncoso atravessou a fronteira, em Hendaia, na companhia de Parella, Chaix, Antonio Martin. O automovel seguiu para a Bretanha. No dia 14 de setembro, às 2 horas, chegaram a Brest e dirigiram-se para o Grande Hotel. O dia 15 de setembro foi consagrado aos preparativos e iniciaram-se provavelmente as conversações secretas com o capitão do «C 2». A tarde, Troncoso, que viajava com o nome suposto de Sagelo, dirigiu-se para a fronteira com Parella, ficando Chaix e Martin de vigilância em Brest. Em 16 de setembro à tarde, Troncoso, que se demorou apenas algumas horas em Irun, voltou a França. No seu automovel e noutro que o seguia tomaram lugar cinco conjurados. Ao mesmo tempo partiu de St. Jean de Luz

um terceiro automovel que conduzia Orandain e José Gabarin Goni. Os três automoveis chegaram a Royan no dia 16 de setembro à tarde. O comandante Troncoso e os seus homens passaram a noite no «Hotel France» e convenceram Las Heras, capitão do submarino «C 2», a tomar parte no seu empreendimento. No dia 17 o pequeno grupo, de que faziam parte Troncoso, chegou a Brest às 0 horas. No dia 18 de setembro deu-se o assalto ao submarino governamental espanhol que, como se sabe, se frustrou.—(Havas).

Franceses expulsos de Irun e San Sebastian

HENDAIA, 23.—Dizem de Espanha que a ordem de deportação para a Andaluzia de sete franceses de San Sebastian e Irun, recentemente suspensa, será aplicada hoje de manhã.

Uma alta personalidade da Espanha nacionalista declarou ontem à tarde a um representante da Havas que nenhuma outra medida relativa ao consul da França em Malaga havia sido tomada como represalia.

Acrescentou que estava convencido de que a boa fé deste ultimo seria prontamente reconhecida e que poderiam restabelecer-se as relações normais entre a França e a Espanha nacionalista.

Por outro lado dizem de San Sebastian que há dois dias que nenhum jornal estrangeiro pode entrar na Espanha nacionalista. Finalmente os boatos que circularam no estrangeiro acerca dum golpe dos «requetés» em Hendaia para libertar o comandante Troncoso são absolutamente fantasmas. Tomaram-se unicamente algumas medidas de protecção na fronteira de Bidassoa.—(Havas).

Informações de Valencia

VALENCIA, 23.—Comunicado do ministério da Defesa Nacional.

Frente de Aragão: as forças republicanas conquistaram Las Cucullas, a cota 1.106, o ermitério de San Pedro e as cotas 923 e 900. Ocuparam toda a zona compreendida entre o rio Gallugo e o seu afluente Guarga, cercando as posições inimigas de Jabarrela, Castillo de Leres e La Nave. Mais ao Norte a aldeia de Gavin foi completamente cercada. Os republicanos ultrapassaram a aldeia de Riesca por Oeste. As aldeias de Escuer, Arguissal e Gue, situadas entre o rio Gallugo e Aubin caíram em nosso poder. A guarnição nacionalista do ermitério de San Pedro que contava 25 homens, caiu em nossas mãos. Fizemos 150 prisioneiros e apoderamo-nos de muito material de guerra.

Frente Norte: no sector oriental os nacionalistas exerceram forte pressão nas regiões de Ortiguero e sul de San Pedro. Atacaram também Llanaro, mas foram repellidos. Por vezes a aviação nacionalista bombardeou as nossas posições situadas a Leste del Pedredo, Rebollada e alturas de Salcedo.

Frente de Leão: o inimigo ocupou as alturas de Cato e Machamedio.

Frente Sul: de manhã as tropas republicanas atacaram Granja de Torreherrnosa, mas tiveram que retirar perante o fogo de barragem da artilharia nacionalista.—(Havas).

VALENCIA, 23.—Ontem às 21 horas aviões nacionalistas tentaram bombardear a cidade, mas foram repellidos pelas baterias anti-aereas. Voaram para Saconte, onde lançaram 8 bombas incendiarias, cinco das quais caíram no mar. Não houve vítimas.—(Havas).

RETIRO DA SEVERA HOJE NOITE DA MODA:

ERCILIA COSTA — BERTA CARDOSO

Maria do Carmo Torres, Deonilde Gouveia, Alfredo Marceneiro, Julio Preença e Xavier Pinto (Rouxinol do Minho)

TEMAS LITERARIOS

Damião de Gois desrespeitado

Num interessantíssimo estudo critico e biografico dos vultos primaciaes do humanismo de quinhentos,—«Erasmo e a mensagem dos humanistas»—o distinto escritor Alves de Azevedo proporciona-me o ensejo de avaliar até onde chegam os seus amplos recursos de ensaísta, ao mesmo tempo que, prestando um relevante serviço de patriota, retira da penumbra dos tempos a figura respeitada e admirável de Damião de Gois, o grande lutador da Idéa.

Da obra de Alves de Azevedo pouco ou nada direi, por desnecessario á consagração justissima que o seu bello talento facilmente adquiriu na nossa literatura contemporanea.

E' velha lei da historia literaria cair sobre os homens superiores a indiferença desprezível mais reprovavel e completa, que ás vezes finda pela inutilização absoluta.

Este facto lamentavel nos efeitos, ridiculo na indole e venenoso nos propósitos, observa-se tão frequente e dolorosamente que no seculo passado houve quem lhe dedicasse uma obra, volumosa e eloquentissima (1).

Para compensar os sacrificios duma existencia inteira consagrada ao bem da humanidade, esta, reconhecida, fazia rolar uma cabeça no cadafalso e bambolear um filosofo na forca.

Quando um espirito se eleva, quando um pensador tenta decifrar algum misterio, internando-se na floresta espessa do desconhecido,—o homem ou a Natureza vingam-se raiosamente, como que ferida no seu orgulho nivelador, na sua eterna impotencia.

Abrem-se as portas do manicómio ou da prisão ou fecham-se as laminas da guilhotina sobre o sonhador, que pretendeu recreá-la.

Foi o que sucedeu a Damião de Gois.

Sob pretexto futil—há sempre um argumento justificativo—o illustre sabio viu coroados os seus esforços para «humanizar» o mundo—ironica resposta do Destino!—pela clausula depuradora numa cruel masmorra da Santa Inquisição.

Do «maior humanista português de todos os tempos», poucas pessoas em Portugal se têm occupado e com a largueza merecida, nenhuma. Aos trabalhos de Sousa Viterbo, Guilherme Henriques, Lopes de Mendonça e Joaquim de Vasconcelos, succede agora, em felicissima oportunidade, o de Alves de Azevedo.

Sintetico e expressivo, este distinto escritor fica sendo um benemerito aos meus olhos. Como Herculano, considero um dever nobilitante, e indeclinavel, a recordação dos nossos antepassados gloriosos. (2).

Alves de Azevedo elevou Damião de Gois ao seu merecido lugar.

Instintivamente os leitores do ultimo trabalho do autor das «Figuras Contemporaneas», perguntam a si proprios em que parte dos Jeronimos estará o mausoleu do excelso pensador do Renascimento.

E indignar-se-ão quando souberem do triste estado de ruína e abandono da Igreja de Alenquer, que á sua guarda tem os ossos pulverizados do nosso maior cronista.

Em vez de flores, poeira. A sujidade e a indiferença—que é a sujidade das almas—assinalam confrangedoramente o tumulo do grande sabio português.

Urge, portanto, promover a reconstrução immediata do velho templo da antiquissima e historica villa estremenha, que tão prestigiada e enriquecida foi pelo mais glorioso dos seus filhos.

E' um dever de consciencia.

Alves de Azevedo desempenhou o seu, com singular honestidade, apoiado em espirito por todos nós e—o que é mais—pela alma de Herculano.

A Nação agora que cumpra o dela.

A. EMILIO GOMES

(1)—Gaston Tissandier—«Les Martyrs de la Science».

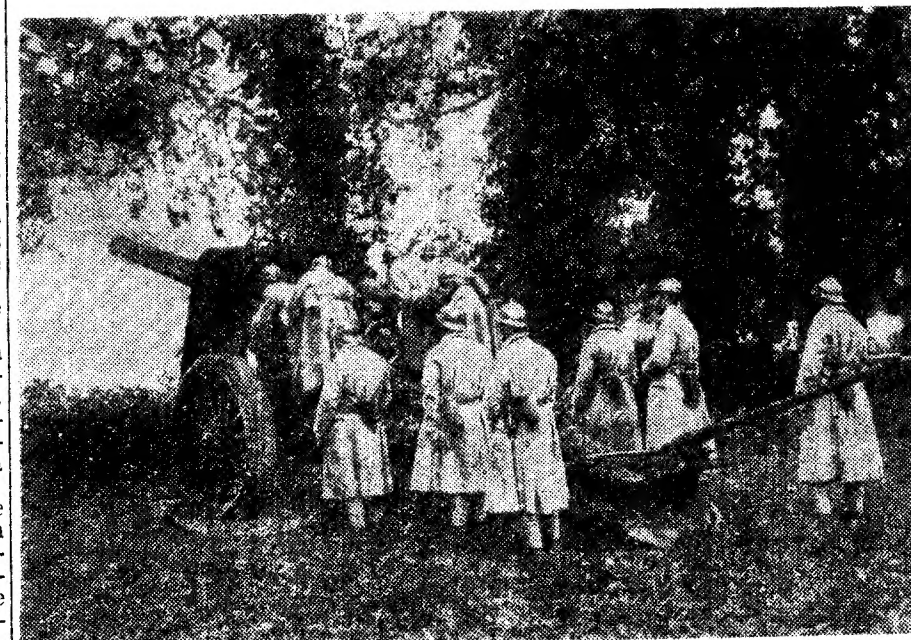
(2)—Disse Alexandre Herculano: «No meio de uma raça decadente, mas rica de tradições, o mistér de recordar o passado é uma especie de magistratura, é uma especie de sacerdocio».

Leiam ás quintas-feiras o jornal humorístico SEMPRE FIXE.

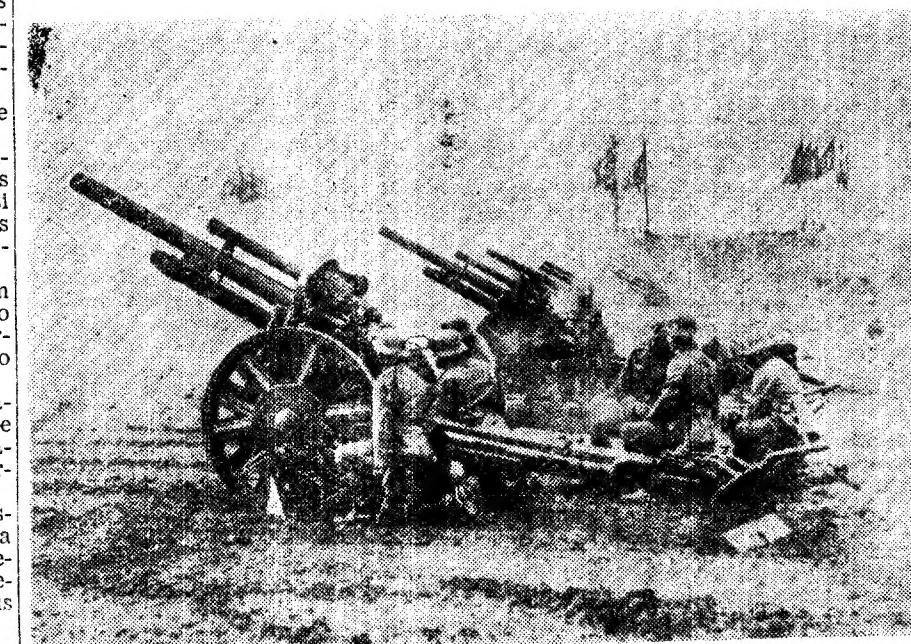
Manobras militares em França e no Reich



O sr. Daladier, ministro francês da Defesa Nacional, com o ministro da Guerra da Grã-Bretanha, sr. Hore Belisha, acompanham as grandes manobras do exercito francês que se realizaram ultimamente na Normandia



Os soldados do 109.º regimento francês de artilharia manobram um canhão de 15,5 proximo de Argentan



Uma bateria alemã de artilharia ligeira em manobras no campo do Zepelin, a que assistiu o Fuehrer, depois do Congresso de Nuremberg



LONGINES

Sempre na vanguarda das boas marcas

10 GRANDS PRIX

DESPORTES

AUTOMOBILISMO

O 1.º «Rallye» a Elvas

Recebeu o mais carinhoso acolhimento a iniciativa do Automovel Club de Portugal de fazer disputar, no proximo dia 26, o 1.º «Rallye» Automovel a Elvas. Nesta cidade reina um grande entusiasmo pela disputa da competição, ao ponto de se terem já inscrito varios automobilistas. Conta-se tambem com a inscrição de muitos automobilistas de Lisboa que acorrem sempre ás organizações do primeiro clube português da especialidade.

O «rallye» exige uma velocidade media de quarenta kilometros á hora, e as provas complementares constarão de marchas á frente e para trás e descrever um oitô.

O regulamento, já distribuido, explica claramente o modo como a prova complementar deverá ser executada.

Os premios são os seguintes: Classe A: 1.º, 1.000\$00; 2.º, 750\$00; 3.º, 500\$00; e 4.º, 250\$00. Classe B: 1.º, 1.500\$00; 2.º, 1.000\$00; 3.º, 750\$00; 4.º, 500\$00.

Além destes premios, os organizadores estabeleceram os seguintes trofeus: uma taça ao 1.º classificado da classe A; outra, para o 1.º da B; e ainda outra, para a «equipe» feminina melhor classificada.

O A. C. P. pede aos concorrentes a fineza de comparecerem na sede do clube, amanhã, pelas 18 horas, a fim de esclarecerem os organizadores quanto ao numero de passageiros que transportam nos seus carros, e acerca dos alojamentos que necessitam em Elvas.

Passeio dos Automobilistas da Velha Guarda

Foi muito bem acolhida a iniciativa de «O Volante», realizando na 1.ª quinzena de outubro o primeiro passeio de automobilistas da Velha Guarda, com carta de conduzir com mais de 20 anos. O itinerario será de 100 kilometros sendo a partida de Lisboa e a chegada ao Estoril, onde se efectuará um almoço de confraternização, que será presidido pelo sr. Albert Beauvalet. «O Volante» oferecerá a todos os participantes no passeio uma placa de prata como recordação. A inscrição, que já conta 23, continua aberta e o seu preço é de 60\$00, incluindo o almoço.

HIPISMO

O IV Concurso de Oeiras

Com o fim de obter os fundos indispensaveis á construção do Monumento aos Mortos da Grande Guerra do conchelo de Oeiras, leva a respectiva comissão Executiva a efeito, no proximo dia 26, pelas 15 horas, na quinta do marqués de Pombal, em Oeiras, o IV Concurso Hipico, em que serão disputadas as seguintes provas: 1.ª, «Omnium», para cavaleiros oficiais do Exercito e civis; 2.ª, «Amazonas»; 3.ª, Cavaleiros da Brigada da «Legião Portuguesa» e 4.ª, Grande Premio de Oeiras (Taça Paladium).

Para este efeito lavra já grande interesse entre a coolnia balnear da Costa do Sol e entre os cavaleiros que devem tomar parte nas diferentes provas, sendo os respectivos preços acessiveis a todas as classes sociais.

NATAÇÃO

O festival do Algés

O Sport Algés e Dafundo, realiza no proximo domingo, pelas 15 horas, a sua festa anual inter-socios, no decurso da qual fará apresentação das escolas deste ano, cujo numero de alunos atingiu a cifra de 400.

Do programa constam provas de natação e outros numeros que devem causar sensação, tais como: concurso de saltos humoristicos, corrida de gincana, tentativas de baixa de «records», um encontro de «water-polo» entre o sete «Pioria da Quinzena» e o sete «Maravilha» que fará a sua primeira apresentação em publico.

Ciclo-turismo

O «rallye» do Lusitano Club Ciclista que por motivos imprevistos não pôde realizar-se no passado dia 19, vai efectuar-se no proximo domingo, 26.

Como já dissemos, o local escolhido para terminus é a linda localidade de Canaças, onde se realizará a costumada merenda, sendo o percurso secreto e num total de 32 kilometros. As partidas serão dadas na Praça dos Restauradores, pelas 9 horas.

As classes de gymnastica do Gimnasio Club Português

A direcção do Gimnasio Club Português — que mantem optimas classes de gymnastica — ofereceu ao nosso jornal a inscrição gratuita de duas crianças nas classes do clube, que abrem no proximo dia 18 de outubro.

Festival de beneficencia

Na esplanada da Sociedade «A Voz do Operario» effectua-se, hoje, á noite, o 22.º espectáculo da serie dos festivais deste verão, a favor das suas escolas.

Haverá variedades pelos artistas componentes do trio Dorizinis, fados por Maria Virginia e baile, abrilhantado pela orquestra «Petrus-jazz».

TEMAS HISTÓRICOS

Um século de Carnaval político

seguido dum contraste impressionante

O caso é tam grave que até comedores por apresentar as nossas mais humildes desculpadas aos admiradores do chamado parlamentarismo, monarquico-republicano — se é que ainda os ha — das pessimas noticias que lhes vamos dar.

E não se imagine que tais noticias provêm de conciliábulo tidos com vivos ou de quaisquer cartomancias havidas com almas do outro mundo.

Nada disso. Essas noticias são o fruto dum estudo que acabamos de concluir sobre a historia da legislação parlamentar portuguesa, desde o seu inicio, em 1820, até aos nossos dias.

Impossibilitados de publicar aqui toda essa devassa official, limitamo-nos a fazer uma ligeira síntese das conclusões a que chegámos, completando-a com algumas considerações que nos parecem oportunas.

A nossa tese é esta: Em Portugal viveu-se, ao longo de um século (salvo raríssimas excepções) sob o dominio dum regime carnavalesco.

Provas? Não faltam.

Sabem vozelencias quantos diplomas legislativos «aperfeiçoadores» da maquina parlamentar foram publicados no nosso pais durante o espaço de cem anos? Não sabem, e isso não admira, mas nós vamos dizer-lho. Setenta! Quere dizer que em cada dezasseis meses, em média, nascia um diploma legislativo destinado a afinar a referida maquina, a qual não devia ser de muito facil afinação, visto que no mesmo espaço de tempo nasciam em Portugal cinquenta legislaturas, ou sejam outras tantas fornadas de deputados do «Pais da Patria», como então se dizia, sendo quarenta e duas monarquicas e oito republicanas. Quere dizer que em cada dois anos (um segundo na vida da Nação) mudava-se entre nós de politica como quem muda de camisa.

E sabem vozelencias quantas destas cinquenta fornadas foram rejeitadas, por impropias para consumo ou por não agradarem ao paladar dos governantes? Quarenta!! ou seja uma percentagem de oitenta por cento de verdadeiros abortos politicos provocados por aqueles mesmos a quem competia defender e prestigiar a chamada «legalidade constitucional».

E para quê reforçar os algarismos com a citação de pormenores ou nomes de pessoas?

Os pormenores virão a seu tempo, e a boa fé dos «Pais da Patria» era absoluta quando se transformavam subitamente em «Pais das Ditaduras».

Para S. Ex.^{as}, efectivamente, o caso resumia-se na simples substituição da ditadura exercida pelas maiorias — a que já chamámos algures *ditadura-plural* — por outra ditadura, mais singular e menos ruidosa, exercida pelo Governo. A tactica era provavelmente a seguinte: Enquanto as maiorias permaneciam humildes e submissas á vontade dos governos, estes serviam-se da ditadura-plural, que naqueles tempos se chamava «legalidade constitucional». Logo, porém, que as ditadas maiorias se insubordinavam ou, sobretudo, quando as minorias levavam a sua impertinencia até atentarem contra a integridade do proprio mobiliario parlamentar, então os governos promoviam a rejeição de toda a fornada, medida esta que naquelas épocas se denominava «dissolução».

Tal era, no fundo, o mecanismo. Se pretendessemos agora, numa só imagem e num só periodo, pintar as sensações que colhemos no decurso do inquerito a que nos estamos reportando, diríamos que ao penetrar no *tu-mulo* que nos haviam apontado como pertencente ao sr. *Parlamentarismo*, só lá encontramos *mumias*, todas chamadas *Ditadura-enverganhada* e todas mascaradas com a indumentaria do referido sr. *Parlamentarismo*, de

quem de resto não apareceram sequer indícios de ter passado por estas latitudes, facto que nos levou a inscrever sobre aquella campaa secular o seguinte epitáfio reparador:

«Aqui jaz Um Século de Carnaval Político»
R. I. P.

Para concluir esta primeira parte falta-nos sugerir a supressão imediata, na nossa linguagem, dos vacabulos «Parlamentarismo português», decisão esta de que tanto beneficiariam os verdadeiros parlamentaristas como os anti-parlamentaristas. Os primeiros poderiam continuar a sua propaganda, invocando o exemplo de certos parlamentarismos estrangeiros, e os segundos deixariam de se cobrir de ridiculo quando pretendem destruir um método politico que fez a grandesa e levou a maxima civilização a outros países, como por exemplo, os povos escandinavos, opoendo-lhe o tal parlamentarismo português, ou seja uma cousa que nunca existiu.

E, finalmente, uma pergunta: Por que motivo não terá vingado o parlamentarismo em Portugal?

Ah, meus senhores, isso é uma questão que nós desconhecemos, e mesmo que sobre ela tivéssemos uma impressão não era agora evidentemente a ocasião de a expormos.

Limitamo-nos a constatar objectivamente os factos na sua simplicidade e rudeza.

E já que falamos em factos positivos e reais, citemos alguns que servem ao mesmo tempo de contraste construtivo a todos os negativismos que acabamos de relatar.

Um contraste impressionante

No dia 28 de Maio de 1926, o Exercito português, farto de carnaval politico, implantou a Ditadura Nacional, a qual tinha sobre todas as ditaduras precedentes a caracteristica vantajosa de não estar mascarada. Terminado o entrudo secular, começou-se a arrumar a casa. O Estado deixou de ser aquele ridículo que contraia emprestimos ruinosos, enquanto os particulares se devoravam uns aos outros, quais caranguejos atirados a espernear para dentro dum cofre forte completamente vazio. O liberalismo, que se traduzira na liberdade que todos tinham de sacar a doida sobre os filhos, netos e bisnetos, nascidos ou por nascer, foi substituído por um regime corporativo que, embora recém-nascido, começa a tomar propositos.

Nos debates parlamentares substituiu-se o *pau-de-bater-bifes*, simbolo duma época, por pareceres tecnicos seguidos de discussões criteriosas e ponderadas.

E para quê relembrar aqui também a formidável obra material já realizada e os nomes dos gloriosos autores?

Contentemo-nos em recordar que já foi discutida e aprovada uma *leizinha*, chamada da *Reconstituição economica*, lei que todos os portugueses deviam ter sempre presente para se estimularem nos momentos de maior desanimo. Por esta lei todos ficámos sabendo que no espaço de quinze anos serão applicados 6 milhões e 500 mil contos na mais vasta e proveitosa obra de reconstrução que o pais poderia jamais ambicionar.

E não tardará também o dia, estamos disso convencidos, em que verbas igualmente desconhecidas neste meridiano sejam consagradas á hygiene e cultura deste bom povo, que tanto necessita de se educar e revigorar para poder, através duma vida local mais civilizada, apoiar com alegria e amor com força o regime avançado que a Ditadura Nacional lhe outorgou, em substituição das ditaduras mais ou menos mascaradas em que sempre tem vivido!

M. ORTIGÃO BURNAY

MAURICIO
DECORAÇÕES E MOBILIARIO
As mais elegantes criações
Rua Augusta, 240, 1.^o
Tel. 2 8229

3\$50-6\$00-9\$00

É o preço das prestações semanais do concurso da maquina KODAK com bonus pela lotaria, aberto na casa GOMES & RODRIGUES, Lda, no L. de D. ESTEFANIA, 17 a 21, Tel. 4 1147. No acto da inscrição poderá possuir a maquina escolhida.

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

O Colegio Militar

escola de virtudes militares

Acabam de ser publicadas as leis fundamentais da organização do Exercito Novo. Bem hajam o nosso illustre ministro da Guerra e o seu directo collaborador sub-secretario da Guerra, por terem vindo, perante a Nação, collocar o Colegio Militar na categoria que ele merece e fazer-lhe a justiça que todos, ou quasi todos, os que por ali passaram pediam, com aquella consciencia de solicitem o que era justo para uma instituição que deu e tem dado tão bons officiaes á nossa força armada. Parece até que aquelas duas entidades foram ali educadas e que as paredes daqueles claustros e daquellas aulas lhes incutiram aquella mesma admiração, respeito e a nunca esquecida camaradagem que nos une sempre que nos encontramos em qualquer situação pela vida fora. Todos nós devemos memorar sempre os nomes de tão illustres dirigentes da Nação, inscrevendo-os nos annais daquela casa como ex-alunos honorarios e benemeritos pelo muito que fizeram áquella secular e honrosa instituição.

Mas diz agora claramente a lei: «O Colegio Militar ministrará aos alunos sólida educação moral, intelectual, fisica e militar. Constituirá preocupação dominante formar o caracter dos alunos, cultivar-lhes o sentimento patriótico e iniciar-lhes na pratica das virtudes e deveres militares».

Está nestas linhas sintetizada, por mão de mestre, a verdadeira finalidade daquela escola. Dar o curso dos liceus, sim como em qualquer liceu do pais, mas com a preocupação dominante de preparar bons officiaes para o exercito, iniciando-os na pratica das virtudes e deveres que são indispensaveis a tão honrosa profissão.

Vai ter pois aquele Colegio a caracteristica de formar bons militares e, para isso, como varias vezes temos dito, aquele estabelecimento tem de sofrer profundas modificações em todos os seus regulamentos, em algumas das suas funções já um pouco rotineiras na forma de admissão dos alunos e até, talvez, principalmente, na escolha de todo o seu pessoal.

O director daquela casa, cargo exercido segundo o regulamento por um general ou brigadeiro, — e quanto a nós que tivéssemos sido aluno do Colegio, condição indispensavel para bom desempenho desta missão, — saberá certamente pelas suas altas qualidades de educador, de pedagogo, de bom militar disciplinado e disciplinador, destinar o que encontrou de bom, nos seus tempos, naquellas tradições que o honram, e o que há a desprezar.

Nós temos a mania, os antigos alunos, de dizer que no nosso tempo é que as coisas corriam bem; mas aqueles que tiveram como eu a honra de ter sido aluno e officio do quadro do Colegio durante 12 anos, acompanhando portanto de perto as diversas modalidades e fases por que tem passado, é que podem bem afirmar, sem receio de desmentido, que realmente por factores de varia ordem a formação dos caracteres daquellas diversas gerações que ultimamente por ali têm passado se tem ressentido bastante.

Esses factores são de ordem interna e ordem externa. Uns e outros são soberbamente conhecidos. Os de origem externa, com base fundamental nestas nefastas educações modernas, vão influir necessariamente nas de ordem interna, ferindo profundamente as honrosas tradições que são necessarias manter a todo o custo.

Tudo, ou quasi tudo, como dige, tem fundamento na educação moderna. Quem nos dizia a nós, noutros tempos, que os pais consentiriam, como os de hoje, que suas filhas rapassem as sobrinhas para as pintarem, hoje de uma forma, amanhã de outra, e os fi-

lhos fôssem para a mesa em camisa á «sport», ou de meia manga, ou mangas arregaçadas, aberta quasi até ao umbigo, sem gravata porque é moda, sem meias, tratando toda a gente num a-vontade de linguagem que faz corar o mais desprovido de preconceitos?

Percorri ha dias umas terras e praias e verifiquei que a maior parte dos rapazes de hoje é assim que se apresenta á mesa, ao almoço sem o mais pequeno respeito pelas senhoras de maior respeitabilidade! Ao jantar, no entanto, para contraste, apresentam-se de casaca, se for necessario! Cópia, dizem, da modelar Inglaterra! E se vão para uma sala, não são capazes de entreter uma delicada conversa durante dez minutos! Toda esta maneira de ser que observamos nas camadas modernas e que pouco a pouco vamos achando natural e logica para os tempos que vão correndo, perdendo-se sem sentir aquele respeito e consideração pelas pessoas mais idosas e mais dignas da nossa consideração, reflecte-se lá dentro daquele Colegio e faz que os officiaes comandantes de companhia, directos educadores dos alunos que são entregu esaos seus cuidados paternais e educativos, se vejam por vezes quasi impossibilitados de ir ao encontro desses defeitos que hoje se têm de considerar virtudes.

E' pois necessario, primeiro que tudo, educar. Respeito mutuo, cultivo do brio e dignidade pessoal e obrigatoriedade no cumprimento do dever sem olhar á recompensa.

Sob o aspecto de saúde e desenvolvimento fisico dos rapazes do Colegio Militar, também certamente vai ser preocupação dominante daqueles a quem for entregue tão espinhosa missão. A distribuição dos exercicios fisicos e militares no respectivo seminario escolar terá que obedecer a bons preceitos, não indo servir apenas os interesses pessoais, mas principalmente aqueles que a boa doutrina aconselha, não fatigando desnecessariamente os alunos, que, por vezes, tinham de praticar seguidamente os exercicios de equitação, esgrima e gymnastica, depois de bastante trabalho intelectual. Dos alunos que este ano acabaram o seu curso e foram ás inspecções para alistamento, alguns tiveram de ser submetidos a observações e cuidados especiais. Não sei mesmo se alguns teriam ficado reprovados.

O Ministerio da Educação Nacional vai, pelas escolas primarias, fazer compreender o verdadeiro caminho a trilhar na educação fisica e moral da criança. O Colegio Militar, por determinação do Ministerio da Guerra, consilio do dever que agora lhe compete, receberá essa modalidade com verdadeira vocação militar, incutir-lhe-á todos aqueles preceitos da lei, e a Escola do Exercito completará sem dificuldade, mas só depois de algumas gerações, aquela materia prima de que ha-de fazer o Exercito Novo.

Estou a ouvir os meus poucos leitores, ao chegarem ao fim deste mal alinhavado artigo, chamarem-me «bota de elastico» e jurarem não ler mais artigos meus! Que me perdoem, mas não sou capaz de me conformar com certos modernismos que, ainda que eles sejam modelares e proveitosos nos outros países, não tenho visto que, para o nosso, tenham trazido algum proveito para o progresso a que aspiramos.

Prefiro a inimidade de alguns ou de todos, a faltar á politica da verdade que ha uns anos a esta parte se procura, e muito bem, cultivar no meu Pais.

SALGUEIRO REGO

Capitão

TRANSPORTES COSTA RAMOS

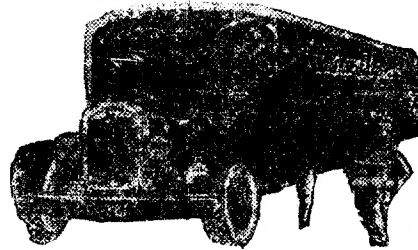
Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais. Carros especiais para mobilidade.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36
Telef. 1854 Telef. 2 7200



Consequências da guerra de Espanha

D. Isabel Clemente, uma senhora espanhola viúva, chegou a Portugal em julho do ano passado, para alugar uma casa onde vivesse alguns meses. Deixou em Espanha todos os seus parentes e todos os seus haveres, numa zona que ainda está em poder dos «vermelhos». Poucos dias depois, rebentou a guerra, e, para se manter, teve de vender as joias que trouxera com ela. E, acabadas estas, tem-se visto obrigada a recorrer à caridade das algumas boas almas. Há já alguns meses que vive, por esmola dos proprietários, na Nova Pensão Palmira, em Caxias. Mas até esse hospitaleiro asilo perderá logo que termine a época e a pensão feche. Dirigiu-se-nos, por isso, suplicando que implorássemos dos nossos leitores que lhe proporcionassem qualquer emprego em que possa, até terminar a guerra e voltar para junto dos seus, manter-se, sem sobrecarregar ninguém. Qualquer função lhe serve, desde a de dama de companhia ou encarregada de tomar conta de crianças, até a de costureira. Aqui fica, pois, o seu apêlo, e estamos certos de que este não será em vão.

Uma capela que necessita de reparações

GUARDA, 21.—Na aldeia João Bragal de Cima, freguesia de Arrifana, concelho e distrito da Guarda, composta apenas de 25 fogos, em que habita gente muito pobre, existe uma pequena capela que se encontra num estado lamentável, pois chove lá dentro, e, estando como está a 1.000 metros de altitude, o frio que entra pelas fendas torna impossível a sua utilização para o culto. Não haverá maneira de, pelas estações competentes, serem tomadas providências, a-fim da pobre gente daquela aldeia não ficar sem a sua missa?



Se residisse na região do Sul da França, onde são fabricados os perfumes, conheceria já as maravilhosas propriedades de embranquecer e embelezar a pele, possuídas por uma cera virgem que a Natureza colocou na corola das flores. Extraída e refinada, esta delicada substância untuosa, chamada Cire Aseptine, age sobre o rosto com uma estranha magia.

Aplicada à noite, antes do deitar, a Cire Aseptine amolece a camada externa dura e rugosa da sua pele e fá-la deslascar-se em pequenas partículas. De manhã, revela-se a nova beleza dum pele branca e fresca insuspeita até então. Os poros dilatados, pontos negros, sardas e todas as imperfeições do rosto desapareceram. Dever-se-á também empregá-la no pescoço, nos ombros, nos braços e nas mãos, a fim de não contrastarem muito com a brancura e a beleza juvenil do rosto. Simples, prática e pouco untuosa.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine, — 88, Rua da Assunção, LISBOA — que atende na volta do correio.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria da Graça Feio Folque de Magalhães, D. Adelina de Anciães Proença de Paiva Brandão, D. Luiza de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Maria Libânia Quirino da Fonseca Xara Brasil Rodrigues, D. Maria Tereza Amado da Cunha Seixas Navarro de Castro, D. Fernanda Mousinho de Albuquerque, D. Ena Bandeira Coelho, e D. Mariana Amaral Ferrari.

NASCIMENTOS

A sr.^a D. Natalina Alcantara Ferreira da Silva, esposa do sr. Alberto Laires Ferreira da Silva e filha do nosso querido amigo sr. Vicente Alcantara, empresário dos cinemas Odeon e Palacio, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

VLANEIOS ELEGANTES

Curia, 20 de setembro

Meu caro Carlos.—Aproveito a minha passagem por esta bela estância termal, para dar algumas notícias do que se passa por cá, embora no fim da temporada de verão, ainda a Curia esteja muito concorrida, chegando quase quotidianamente mais aqistas. Ontem estava anunciada uma festa nautica na magnifica piscina-praia «Paraíso» mas devido ao mau tempo foi adiada para o proximo domingo. Hoje de tarde, effectou-se no vasto parque das Termas, um interessante desafio de «bilhar russo» em que tomaram parte a sr.^a D. Maria Doroteia Pereira de Lacerda, como representante da Curia, os srs. dr. Rui Gomes de Carvalho, campeão este ano de Vidago, dr. Manuel Amador Valente, campeão de Oliveira de Azemeis e quem escreve estas linhas, que, embora não sendo campeão, não fez má figura. As varias partidas de que saiu vencedora a sr.^a D. Maria Doroteia Pereira de Lacerda, foram renhidasimas, havendo fases lindissimas que despertaram na selecta assistencia verdadeiro entusiasmo.

A noite, no salão de festas, fez-se a distribuição do premio, que consistia de uma artistica «taça» offerta do sr. dr. Manuel Amador Valente, presidindo á cerimonia o sr. barão de Santa Comba Dão, que tinha como secretarios os srs. Gil de Almeida e Mario Gomes Rocha, que na ocasião da entrega da «taça» fez um breves palavras o elogio da vencedora, seguindo-se baile ao som da eximia orquestra «jazz» Paraíso, prolongando-se a dança até perto das duas horas, sempre num crescendo de animação.

Na noite de domingo houve no salão de leitura do Palace Hotel, uma sessão particular de cinema, em que foram exibidos varios filmes tirados por amadores, esta época na Curia, e na passada, sendo sem duvida alguma o tirado o ano passado pelo sr. Alexandre de Almeida, o que agradou mais. Na assistencia a esta sessão via-se, além dos hospedes do Palace, grande numero de aqistas dos outros hotéis.

No proximo sabado, realiza-se a festa do sexteto «Paraíso» com um sensacional programma, que além do concerto, executará o seguinte: «Fatuska», de Slorozabal; «Serenata», de Tólli; solo de violino, por Francisco Branco; «Serenata», de Schubert; «Moros y cristianos», de Serrano. Haverá varios numeros de canto pela sr.^a D. Alda Gomes Rosmarinho, numeros de ilusionismo, por «Die», pseudonimo de um distinto amador, que tanto exito obteve na ultima festa de caridade, effectuada na Curia, á qual já me referi há dias, e o nosso colega do «Diário de Noticias», Mario Gomes Rocha, que recitará alguns monologos.

Pelo grande interesse que esta festa está despertando é de prever que a noite de sabado no salão de festas do Palace Hotel, da Curia, seja elegantemente concorrida, não se por pessoas que aqui estão, como dos arredores. Teu camarada e amigo velho.—D. Nuno

A CARIDADE

«No Casino Estoril»

Formam a comissão de senhoras da nossa primeira sociedade que leva a efeito no proximo sabado no salão do restaurante do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, um «chá de caridade», cujo produto se destina a favor da Casa de Trabalho do Estoril, as seguintes senhoras:

D. Alice de Sousa e Melo, D. Amelia Rezende da Silva e Melo, D. Antonia de Saklanha Marrecas Franco, D. Branca da Silveira e Silva, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Candida Luppi Santos Jorge, condessa de Murga, condessa de Peniche, D. Eugenia da Costa Cardoso, D. Josefina Arbués Moreira, D. Maria Camila Viana Carneiro Pacheco, D. Maria Emilia Martins de Carvalho, D. Maria Leonor da Sousa Madureira e viscondessa de Santarem.

PONTOS DE REUNIAO

«No São Luiz Cine»

Assistencia elegante á inauguração da temporada de inverno neste «cine», da rua Antonio Maria Cardoso:

Baronesa de Gondar, senhora de dr. Almeida

da Fouseiro e filha, D. Luiza Deslandes Blanch, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Maria Isabel Ortigão Ramos Jorge e filha, D. Palmira de Meneses Sande e Vasconcelos Alcaide, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Maria José de Abreu, D. Emic Polnay de Castelo Lopes, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Henriqueta Clington Carpo, D. Amelia Rojão Caiola Bastos, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Maria da Luz Chautillon, D. Maria Tereza Correia de Almeida (S. Janeiro), D. Maria José de Castelo Branco Parreira, D. Maud Cohen Fervereiro, D. Maria O'Neill Borges de Medeiros, senhora de Victor Cordier, D. Maria Adelaid, da Costa Botelho de Andrade, D. Clarisse Couto, D. Ester Machado da Cruz Oliveira Duarte, D. Virginia Silva, D. Maria Suzana Oliveira Dore de Almeida, D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, D. Alda Rodrigues e irmã, D. Maria Tereza Clington Carpo, etc.

Na Ericeira

Realiza-se amanhã no «Casino» desta praia, uma recita de caridade a favor da Sopa dos Pobres, da Ericeira, na qual subirá á cena pela primeira vez a revista em um prologo, dois actos divididos em quatro quadros, da autoria do sr. Ernani Folklíe Silva Reis, intitulada «Zangam-se as comadres...», sendo os titulos dos quadros os seguintes: «A Roda do Rempo», «Olho, não vejo ninguém...», «Por ares e ventos», e «O Parque onde a gente se aborrece», desempenhados por um grupo de amadores de que fazem parte os seguintes:

D. Delfina Maria do Canto Lucas, D. Maria Albertina Tamagnini, D. Maria Amelia Dias Coutinho, D. Maria Beatriz Burguete Mousinho de Albuquerque, D. Maria Beatriz Pinto da Mota Frade, D. Maria Carlota da Camara Castelo Branco (Pombeyro), D. Maria da Conceição Barros Ribeiro, D. Maria Emilia Morais, D. Maria Fernanda Soares, D. Maria Henriqueta Barreto Fragozo, D. Maria Luiza Falcão de Vasconcelos, D. Maria Leonor Faccó Viana, D. Maria das Mercês do Canto Lucas, D. Maria Margarida Veiga Cardoso, D. Marie Paulette de Lourdes Daricout, D. Raquel Santos David e D. Vera Santos David e os senhores Afonso do Canto Lucas, Antonio Bento Franco, Antonio Lima Correia, Caetano Ferreira Passos, Carlos Montez, David Pinto Morais Sarmiento, Ernani Folklíe Silva Reis, Henrique Pinto da Mota Frade, Joaquim Ribeiro, José Antonio Ferreira Passos, José Henrique Santos David, José Inacio da Camara Castelo Branco (Pombeyro), Nuno Santa Maria da Camara Castelo Branco (Pombeyro), Rui de Sousa, Saul Silva e Sebastião Bragança Correia de Sá (Asseca) e os meninos: Maria Alda Dias Coutinho, Maria da Assunção Aveliz, Maria Eduarda Dias, Maria Felvina Barbosa de Carvalho, Maria Luiza Dias Coutinho, Maria Tereza Barreto Fragozo, Maria Teresa Moreira de Almeida, Maria Veneranda Canas, Marta Montez, Antonio Palminha, Carlos Barbosa de Carvalho, Fernando Montez, Henrique Antonio Pereira Coutinho, Henrique Barreto Fragozo, Henrique Lucas, José Barros, João Antonio Faccó Viana, Manuel Maria da Camara Castelo Branco (Pombeyro) e Martinho Pereira Coutinho.

Os cenários são de Ernani Ganda, servindo de contra-regra e de ponto, respectivamente os srs. Joaquim Cid Barreto Fragozo e dr. Manuel Faccó Viana, colaborando ainda nesta recita, que decerto vai marcar pela animação e entusiasmo, os srs. Julio Cunha Gonçalves e Nuno Cunha Gonçalves, sendo o «compê» desempenhado pelo sr. Raul Bensabat.

A revista «Zangam-se as comadres» repetir-se-á na noite de segunda-feira, com o mesmo fim, visto estar agendada a lotção da de amanhã.

FM VIAGEM

Partiam para Paris as senhoras D. Bertha Costa e Maria Catharina Lisboa.

DOENTIS

No Pavilhão da Fanfara Militar do Hospital da Estrela foi operado com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Sacadura Botte, a sr.^a D. Palmira de Brito Correia Silva.

PUBLICAÇÕES

«O Papagaio»

«O Papagaio», que vem realizando uma notavel obra de educação infantil, quer na revista quer nas suas emissões—às terças-feiras no Porto, dirigidas por Antonio e Julio Rezende, às quintas-feiras na Emissão Nacional e aos sabados na Radio Renascença, sob a direcção de José Castello—apresenta esta semana mais um admiravel numero, o 12º, recheado de magnifica colaboração, profusamente illustrado e impresso a quatro cores.

As «Aventuras de Tim-Tim no Oriente» encontram-se no apogeu do interesse que sempre despertaram nos milhares de pequeninos leitores da grande revista infantil portuguesa.

Dois retratos de Eduardo Malta



A princesa Dona Teresa de Orleans e Bragança



A princesa D. Elizabeth de Orleans e Bragança

1.050 crianças pobres

passaram o dia na praia de Caxias

Hoje, pelas 9 horas, concentraram-se, em frente á estação do Cais do Sodré, incorporando-se immediatamente nos grupos com as cores dos distintivos que lhes haviam sido distribuidos, as 1.050 crianças pobres que se inscreveram para a terceira excursão ás praias, promovida pelo sr. tenente-coronel Lobo da Costa, illustre chefe do distrito. Além desta autoridade, compareceram ali o sr. Augusto de Lacerda e Melo, da comissão central de assistencia, e diversos empregados do Governo Civil, bem como alguns guardas da Policia de Segurança Publica.

Como de costume, foram distribuidos a todas elas chapéus de palha e bolachas, partindo em seguida o comboio que as conduziu a Caxias.

As 1.050 crianças estiveram na praia que fica junto ao forte até ao meio dia, hora a que, depois duma simples preleção educativa do padre Cruz, se dirigiram ao parque fronteiro, onde empregados do Governo Civil lhes serviram um saboteiro e farto almoço.

Pouco depois das 17 horas, effectou-se o regresso a Lisboa, vindo todas as crianças encançadas com a maneira agradável como passaram o seu dia.

A quarta excursão realiza-se no proximo dia 3, começando a inscrição, no Governo Civil, amanhã, sexta-feira.

As visitas do chefe do distrito

Em virtude de se realizar no proximo domingo, em Cascaes, a homenagem á esposa do sr. Presidente da Republica, foi resolvido adiar para o dia 3 de outubro, ás 15 horas, a visita do sr. tenente-coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa, a Lourinhã.

João Chagas

Francisco Valença, a proposito da publicação do livro postumo de João Chagas «Sylva de conceitos», publica hoje no «Sempre Fixe» uma interessante pagina de «charge» ao estado da tabuleta com o nome do falecido escritor que existe na respectiva rua, em Algés. Stuart Carvalhais, Amarelhe, Botelho, Pargana e Pin são os outros colaboradores graficos deste numero do engraçadissimo semanario que insere a peça «Baril do lixo...», mais um supplemento literario de «Letras e tretas» e numeroa colaboração humoristica em prosa e em verso.

ELECTROLUX, L. DA

Se o n.º representante ainda não o visitou peça V. Ex.ª, por um bilhete postal, esclarecimentos sobre os n.ºs:

Frigoríficos a petróleo
Aspiradores de pó
Enceradoras eléctricas e
Escalificadores d'água

Av. da Liberdade, 141 — LISBOA

MOSAICOS

Goarmon & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17
LISBOA — Telef. 21059

SOFRE DO FIGADO?

tome chá de

Hypiricão da Bolívia

Vende «PEROLA DE S. DOMINGOS»
Rua dos Correeiros, n.º 331 — Tel. 22678 — LISBOA



Um esmalte completamente novo para toda a espécie de superfícies, apresentando muitas características de superioridade sobre todos os esmaltes vulgares.

DULUX diminui os gostos com a conservação e protege por maneira eficazíssima os objectos em que é aplicado. Peça detalhes.



BETHENCOURT BROS. LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216
PORTO

PARTERIA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º — Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas grátis
BASILISA PEDROSA

Marqueza de Fontes Pereira de Mello

Missa do 30.º dia

Antonio Maria Fontes Pereira de Mello e sua mulher, D. Maria das Dores Lobato de Fontes Pereira de Mello, Maria Emilia Fontes Guedes de Queiroz (Foz) e seu marido, Eduardo José Guedes de Queiroz (Foz) mandam rezar, amanhã, 24, pelas 12 horas, na Igreja de Santa Catarina, uma missa sufragando a alma de sua querida Mãe, Sogra e Avó.

Quer a sorte grande?
Habite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

**DEUTSCHE AFRIKA-LINIEN**

C.ªs Alemãs de Navegação para África

PROXIMAS SAIDAS

Africa Ocidental:	Africa Oriental:	Norte da Europa:
Tenerife, Las Palmas, Praia, Bata, Benito Kogo, S. Tomé, Pointe Noire, Boma, Matadi:	Tanger, Argel, Villefranche, Génova, Port Said, Suez, Port Sudan, Aden, Mombasa, Tanga, Zanzibar, Daressalam, Porto Amélia, Moçambique, Beira, Lourenço Marques e Durban:	Southampton, Anvers ou Rotterdam, e Hamburgo:
"TUEBINGEN", em 22 de Outubro.	"USSUKUMA", em 30 de Setembro.	"USAMBARA", em 13 de Outubro.
UM VAPOR em Novembro.	"USAMBARA", em 6 de Novembro.	"WATUSSI", em 12 Novembro.
UM VAPOR em Dezembro.	"UBENA", em 6 de Dezembro.	"TANGANJIKA", em 1 de Dezembro.
* Não recebem passageiros nem carga.	* Só recebem passageiros.	
	** Vão de Lisboa directos a Génova.	

AGENTES GERAIS:

Sociedade Insulana de Transportes Marítimos, L.ª

Praça Duque da Terceira, 20

Telefones 2 9725-2 9726

CONTRA O CALÔR?!

Bebam os vinhos verdes da REAL COMPANHIA!

ESPECIAL (tinto) em garrafas

AMARANTE (tinto) em garrafas e 1/2 gfs; em botijas e 1/2 bot. de vidro

BASTO (tinto) em botijas e 1/2 bot. de vidro

AGULHA (tinto e branco) em botijas e 1/2 bot. de barro.

Em garrações de 5 litros

ESPECIAL (branco e tinto)

Vendem-se nas boas mercearias, restaurantes e hotéis de Lisboa Sintra e Costa do Sol.

Pedidos à FILIAL

Rua do Alecrim, 117 — Telef. 22556

Todos os nossos produtos são postos de nossa conta no domicílio do cliente em Lisboa.

Ennor, L.ª

Transportes por
domicílio a



Sucessor

camionagem
domicílio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos

Transportadora das melhores Empresas do País

PORTO LISBOA
Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa) Rua Gilberto Rolá, 8 (a Alcantara)
Telefone 6102 Telefone 2 4792

Empresa de Transportes BRAGA

Rua dos Correeiros, 28

LISBOA

Telefone 2 1249

Camions,
Camionetes
e Carroças

Para todos os generos de
transporte em Lisboa e em
todo o país

Servico especial de Mudanças

COLEGIO PARISIENSE

Para educação de meninas

R. de S. Sebastião da Pedreira, 22-30 -- R. Martens Ferrão, 9-13

UNHAS QUEBRADIÇAS E FRACAS

Usando o creme de beleza MYREA para unhas, em massagem, duas vezes por dia, ao fim de dez dias verifica-se uma diferença extraordinária.

Este creme contém os elementos nutritivos para a força e beleza das unhas, devendo portanto ser usado por todas as pessoas de unhas fracas e também por aquelas cujas unhas se estragaram com os vernizes e cuidados da manicure.

Opera desde a raiz e é absorvido completamente pelas unhas. As unhas precisam deste tratamento de beleza e cedo verificará os resultados, usando

MYREA

Creme de beleza para unhas

Agentes do Creme Myrea:

J. C. Guimarães & C.ª L.ª

Rua do Almada, 91, 2.º-Porto
que enviam a cobrança para qualquer ponto do país ou contra envio de Esc. 13\$00

**OLY**

Por muito bom que seja o pó de arroz, ele não se poderá fixar nem avermelhar o rosto se a pele for oleosa, inconveniente esse que acarreta defeitos próprios destas peles, como poros abertos, pontos negros, espinhas, etc.

Os defeitos provenientes das secreções glandulares da epiderme levou a ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA a criar produtos, acreditados hoje, pelos bons resultados obtidos. A sua pele normalizar-se-ha sem ter que evitar o emprego de produtos de beleza.

Basta para isso tratar-se com produtos OLY e usar na ordem natural da toilette diaria o LEITE OLY que rejuvenesce, evita sardas e limpa os poros; aplicar o ROUGE e o CREME OLY especiais para estas peles e finalizar pelo PÓ D'ARROZ OLY que manterá a superfície da pele as suas benéficas qualidades. A sua pele regressará assim ao normal.

Academia Scientifica de Belleza

Lisboa — Av. da Liberdade, 35 — Telef. 21866

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros «O TRABALHO»

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211-PORTO
Delegação em Lisboa:
J. T. Pinto Vasconcellos, L.ª
Praça Duque da Terceira, 21

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

A PROPOSITO DA "PEQUENA CASA LUSITANA"

Dois projectos de Antonio Sardinha

O que seriam as "Erratas à Historia" e a "Historia de Portugal"

por Rodrigues Cavalheiro

Com a publicação recentíssima da «Pequena Casa Lusitana», admirável Historia de Portugal em sonetos, e o proximo aparecimento de *A' lareira de Castela*, onde se recolhem as mais importantes paginas dispersas da sua campanha hispanista, pode dizer-se que a obra de Antonio Sardinha, nos seus multiplos aspectos de poeta, historiador, critico, ensaísta, doutrinador e arauto da Ordem Nova, fica totalmente revelada áqueles que, á data da prematura morte do escritor, mal se apercebiavam do valor e da vastidão da sua formidável actividade intelectual e politica.

Referindo-se a Antonio Sardinha, em carta particular, escrevia-me um dia o illustre publicista brasileiro Elisio de Carvalho, já falecido tambem: — «Toda a sua vida foi um combate e morreu em plena batalha das idéas». Temperamento rarissimo de agitador intelectual, inimigo encarniçado das opiniões feitas e dos juizos comodamente aceites, o autor do *Ao Principio era o Verbo*, pela virtude duma espantosa fecundidade de talento, conseguiu amplamente, mercê do conjunto doloroso das circunstancias, o que o seu ardente proselitismo havia, de certo, ambitionado: — continuar, para além da morte, a missão altissima que lhe ennobrecera a existencia.

Porque «morreu em plena batalha das idéas», não chegou Antonio Sardinha a alinhar vitoriosamente todos os trofeus conquistados, na dura peleja, ao inimigo em derrota — e que são os destroços grotescos dos idólos e dos manipões derrubados pela destreza da feição mental que mais o tem imposto á admiração das gerações conscientemente nacionalistas que vêm subindo para a vida, e que Afonso Lopes Vieira definiu com suprema elegancia quando duma vez lhe chamou «caçador de superstições».

Espalhada pelas paginas das revistas, semeada, ao acaso, nas columnas dos jornais, a obra de Antonio Sardinha só depois da sua morte se tornou verdadeiramente conhecida do grande publico. De ha onze anos para cá, com uma regularidade que testemunha bem a existencia dum largo sector de penetração intelectual, os seus artigos de construção politica, os seus ensaios de revisão historica, os depoimentos da sua campanha tradicionalista, colleccionados em volumes por dois dos seus companheiros de luta, veem sendo lançados, com progressivo sucesso, na refrega quotidiana das idéas e no embate permanente das doutrinas.

Primeiro, foi o *Ao ritmo da ampulheta* (1925), volume preparado ainda em vida do autor, e que veio continuar a série brilhantemente iniciada com o *Ao Principio era o Verbo*. Notas de filosofia reaccionaria, erratas á Historia liberal, sínteses criticas de singular luminosidade, *Ao ritmo da ampulheta* foi, na verdade, um punhado precioso de grão arremessado á terra prometedora e fecunda. Monumento admiravel de pensamento politico, pelas conclusões apresentadas, pela lucidez filosofica, pela forte cultura revelada e ainda pela rara elegancia da exposição é a *Teoria das Côrtes Gerais* (1925), longo e erudito prefacio á reedição, benemeritamente

lançada a publico pelo actual Visconde de Santarem, da bela obra do grande ministro de D. Miguel e autentica gloria da cultura nacional do seculo passado.

Depois, novos livros se seguiram a estes, ardendo todos no mesmo desejo insaciavel de verdade. Vieram as colectaneas de artigos de *A Monarquia*, completamente desconhecidos para a grande massa dos leitores, e os ensaios da *Nação Portuguesa*, os esparsos recolhidos de varias publicações, os ineditos que a sua prodigiosa actividade nos legou, e que reflectem a bela maturidade do seu espirito, completam o harmonioso conjunto da obra postuma de Antonio Sardinha politico e historiador, hoje distribuída pelos seguintes volumes já publicados: — *Na Feira dos Mitos* (1926), *Durante a fogueira* (1927), *A' sombra dos porticos* (1927), *Da hera nas columnas* (1929), *Purgatorio das Ideias* (1929), *De Vita et Moribus* (1931), *A prol do comum...* (1934), *Processo dum Rei* (1937).

Se acrescentarmos a este espolio formidável três livros de versos — *Era uma vez um menino...* (1926), *Roubo de Europa* (1931) e *Pequena Casa Lusitana*, que a Livraria Civilização, do Porto, acaba de lançar no mercado — verifica-se que uma edição integral da obra de Antonio Sardinha (em que se não poderá esquecer a sua volumosa *Correspondencia*, depoimento preciosissimo para a historia contemporanea) difficilmente se poderá fazer

com menos de vinte tomos. Recordando que todo este maravilhoso edificio de inteligencia, de cultura e de sensibilidade se ergueu em pouco mais de dez anos de lutas, de exilios, de contrariedades de toda a ordem, não hesitaremos em atribuir a tão singular constituição, simultaneamente erudita e poetica, um lugar unico na historia das idéas em Portugal.

* * *

Se, como afirmou o grande doutrinador do *Ao Principio era o Verbo*, «o nosso fim é condicionar toda a acção reconstitutiva por um labor constante de rectificação mental», aos estudos de Historia Patria está reservado, sem duvida, no movimento de renovação de idéas a que entre nós estamos a assistir, um lugar de incontestável predominancia. Assim o entendia, de facto, Antonio Sardinha, que empenhou a sua ardente fé combativa na destruição de quantas mentiras traiçoeiras ennegreciam as paginas gloriosas do nosso passado.

Relendo, ha pouco, um dos volumes de que se compõe a sua obra postuma, topámos, num estudo intitulado *Questões de Historia*, com o passo seguinte: — «Um necessario trabalho de revisão se impõe... — especie de breviário de correções ou erratas, em que se instrua o processo das diversas lendas-negras que deprimem a face augusta do nosso Passado». Lembremo-nos, então, de que no espolio literario de Antonio Sardinha se en-

contrava, em precioso autografo, um plano desse volume vingador, especie de introdução á sua tão sonhada *Historia de Portugal*, e que se intitularia *Erratas á Historia*.

Um pouco no genero da *Histoire partielle, histoire vraie*, de Jean Guiraud, de *Les préjugés ennemis de l'Histoire de France*, de Louis Dimier, de *Les Manuels Scolaires*, de Georges Valois e François Renié, da *Défense de l'Eglise contre les erreurs historiques*, do Padre Gorini, de *La Leyenda Negra*, de Julián Juderias, etc., as *Erratas á Historia* de Antonio Sardinha constituiriam um valiosissimo subsidio para a campanha de restauração intelectual, que, paralelamente a uma vigorosa acção politica e social, o Nacionalismo português inscreve orgulhosamente no seu estandarte. Cabem aqui com acerto estas palavras do bom Renan, do Renan da *Réforme intellectuelle et morale*, o que traduzimos do seu estudo *Qu'est-ce qu'une Patrie?*: — «E' um erro supor que se serve bem a sua Patria caluniando os que a fundaram. Todos os seculos duma nação são as folhas do mesmo livro. Os verdadeiros homens do progresso são aqueles que têm por ponto de partida um respeito profundo pelo passado. Tudo o que fazemos, tudo o que somos, é o remate dum longo trabalho secular».

Transcrevemos a seguir os titulos dos capitulos das *Erratas á Historia*, tais como Antonio Sardinha no-los deixou, indicando as obras onde alguns dos problemas que nesse livro se estudavam ainda chegaram a ser abordados pelo grande escritor e, assim poderão ser conhecidos de quantos se interessam pelo renascimento nacionalista da mentalidade portuguesa:

Os Lusitanos; Viriato; O Condado Portucalense; As quatro onças de ouro (Da hera nas columnas); O Sul contra o Norte (A' sombra dos porticos); Inês de Castro; 1384 (com o titulo O Rei Fernando, no *Ao Principio era o Verbo*); Alcacer-Kibir (Ao Principio era o Verbo); A nossa decadencia; O calix de Felipe; O Felix-Restaurador (com o titulo D. João IV, no *Ao ritmo da ampulheta*); O tratado de Methuen; El-Rei D. João V (com o titulo D. João V, no *Ao ritmo da ampulheta*); A obra dum reinado; A retirada para o Brasil (Ao ritmo da ampulheta); O copador de Junot (Ao Principio era o Verbo); A Vila-Francada (Ao ritmo da ampulheta); Mousinho da Silveira (Ao ritmo da ampulheta); A agonía da Realza.

* * *

Com data de 29 de novembro de 1924, escrevia-me Antonio Sardinha da sua Quinta do Bispo, em Elvas: — «... estou disposto a atirar-me á minha Historia. Outro dia em Badajoz veio-me subitamente o plano de toda ela. Achada a directriz, o resto é mera execução. Em Lisboa quando aí vá (o que será talvez breve) lho mostrarei».

Em fins de dezembro veio Antonio Sardinha a Lisboa — pela ultima vez! — e leu-me, com efeito, o plano da sua *Historia de Portugal*, declarando-me que á sua redacção ia consagrar as longas noites do inverno que entrava.

(Ver continuação na 3.ª pagina).



Auto-retrato de Jean Fouquet famoso pintor francês do século XV

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO



Saiu o primeiro fascículo da «Historia da Expansão Portuguesa no Mundo», obra de notável envergadura cultural, que bem merecia ser considerada um serviço público. Nela se vão

reunir todos os elementos e documentos, criteriosamente analisados à luz da moderna critica historica da vida dos portugueses, nos seus aspectos de conquista, colonização e civilização, nas cinco partes do mundo. Era uma obra que estava por fazer, e que bem se pode considerar de alta devoção patriótica.

São seus directores os dres. Antonio Balão, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Ernani Cidade, professor da Faculdade de Letras, e Manuel Murias, director do Arquivo Historico Colonial. A lista dos colaboradores é tão extensa, com valiosos, podendo dizer-se que reúne o melhor que ha, em penas animadoras da grande e pequena historia. Este primeiro fascículo é occupado por uma larga introdução que tem por titulo: Expansão, povoamento e organização internas». Dirige a parte grafica Luiz Montalvôr, que tem conseguido fazer da Editorial Atica, uma esplendida oficina de artes graficas. A obra de formato grande, em magnifico papel e com numerosas gravuras e «hors-textes», em papel «couche», impõe-se pelo seu tipo modelar de beleza artistica.



Nos ultimos tempos têm-se abusado demasiadamente das comemorações literarias. De tudo se fazem anniversarios: nascimentos, mortes, primeiras edições, 80.º anniversario das «Flores do Mal»; 126.º do «Lago»; 350.º de «Vondels»; tricentenário dos «Discours de la Methode», etc.

O «Journal de Genève» comenta esta enxurrada de centenários, dizendo:

Lêem-se mais, compram-se mais os autores a quem consagram placas de bronze, de marmore, e sobre a campã dos quais se deitam flores?

Parece que não! De resto, os editores raramente cumprem o seu dever reimprimindo obras celebres. E Domier, no «Temps», queixa-se, a proposito duma recente evocação literaria de Mistral, não haver uma edição completa do grande poeta, a preços populares.

De facto, a melhor maneira de amar um escritor não são os vivas as estatuas os discursos, etc.—mas lê-lo com interesse e constancia.



Como sabem Aga-Khan, figura muito parisiense, foi escolhido para presidir á 18.ª sessão da Sociedade das Nações. Houve quem estranhasse que Aga-Khan que não é diplomata, mas

príncipe, tivesse occupado aquele alto cargo. E' preciso dizer que Aga-Khan III, é o chefe da delegação indiana, missão que lhe foi confiada em 1932, 1934, 1935 e 1936. Apesar de não reinar sobre qualquer territorio, ele reina, moralmente, sobre innumeros e extensos países da nossa velha India. E' o chefe religioso dos muçulmanos que ali vivem, e que constituem um quarto da população total. E' descendente de Ali, genro do profeta tendo em 1924, reivindicado a successão do califado vago em virtude do desmembramento do império turco.



Está sendo construída a maior estrada do mundo. Começa em Fairbanks, pequena vila do Alasca e vai ser a Buenos Aires, atravessando por os três Americanos.

Denominar-se-á Estrada Internacional do Pacifico. A sua extensão será de cento e um quilómetros.

NAS RUINAS DO TEATRO ROMANO DE MERIDA

Um capitulo do novo livro de Rolão Preto

Rolão Preto, temperamento vibrante e combativo, apaixonou-se pela tragedia espanhola, a que assistiu desde o seu inicio. E do que viu e sentiu durante a tremenda guerra que ensanguenta o pais vizinho, saiu um livro — «Revolução espanhola» — editado pela Bertrand e do qual transcrevemos um capitulo:

O que não pode negar-se, capitão Pietro Alba, é que soldados de Roma estejam outra vez, nas terras beneficas de Emerita Augusta, e isto constitui, por certo, um prodigioso milagre.

— A Historia não é, talvez, senão uma incessante repetição de factos...

— Em grande parte, pois que as mesmas causas produzem identicos efeitos. No entanto, devemos concordar que a resurreição do Imperio Romano não era coisa que se considerasse provavel ha pouco tempo ainda.

— Ha pouco tempo ainda, com effeito, a Europa ria-se...

— Hoje em dia, Pietro Alba, o sorriso da Europa transformou-se em rictus de angustia...

— A culpa não a tem Roma, mas sim aqueles que se não afizeram ainda ás consequências do seu ressurgimento.

— Será...

— Se ha, porém, fatalidades a nortear o rumo da Historia, o resurgir das Aguias Romanas era, sem duvida, um desses imperativos do Destino...

Roma não podia morrer!

— Já lá vai tam longe o tempo...

— Sim, decerto, já vai longe... mas de que quilate era a grandeza do Imperio e com que resistentes materiais não foi construido!

Olhe: E aqui, Pietro Alba, ergueu-se, num movimento lento e majestoso, convidando-me a segui-lo ao longo da bancada, onde, ao pôr do sol, nos sentamos, até chegarmos junto ao arco da *vomitoria*, que se abria a uns vinte passos... Então, apontando a fabrica perfeita da galeria, acrescentou, entre duro e triunfante: E' do tempo de Augusto. Onde estará o pó do pó de quantos conceberam e realizaram isto? E, entretanto, não ha aqui uma brecha. Roma sabia edificar. Roma era forte. E era forte, Roma, porque constituia a «Ordem».

Imperio quer dizer Jerarquia...

Pietro Alba calou-se um momento, como para colher o effeito das suas palavras. Depois, estendendo os braços no gesto de abarcar a vasta *cavea*, continuou: Ordem, Jerarquia... Os Romanos, completando os Gregos, foram eles que ordenaram, para todo o sempre, esta «disciplina», esta «ordem» que representa um Teatro. Repare bem. Veja o prodigio de quem principio dispôs essas bancadas, de tal sorte, que, quantos nelas se sentem, tudo poderão presenciar, sem perturbarem, nem serem perturbados. Tudo aqui é harmonia, metodo, intelligencia. Desde a *orchestra*, lá-baixo, no centro, posição maxima de relevo para os notáveis da Cidade, até ao alto, ao *maenianum* superior, esse friso esplendoroso, destacado e vivo das mulheres... Tudo corresponde a um plano, dentro do qual se ordenam posições e se limitam desregramentos e impulsos...

Por toda a parte a vida, sob o signo da regra! Roma, repito, era a «Ordem»!

— A ordem, talvez... mas a justiça?

— Roma criou o Direito.

— Sim, Roma criou o Direito e nele assentou os fundamentos duma justiça official, que, ainda hoje, é a propria base do mundo. No entanto, esse direito, se era a ordem estabelecida, estava muito longe de significar equidade e, daí, nasce o conflito por onde o Cristianismo abriu brecha no Imperio, conflito moral que enche as idades e hoje, como nunca, preocupa as almas.

A ordem de Roma assegurava a posição dos privilegiados. Neste Teatro mesmo, Pietro Alba, essa distincção é bem visivel. Que era, na verdade, este recinto, chamado *orchestra*, criado pelos Gregos para a Musica e para os desdobramentos dos Côros e do qual Roma fez lugar eleito de notáveis, senão uma posição onde se glorificava o privilegio em face da plebe. E que era, além, esse *Portico* senão o coito da canalha doirada, parasita e inutil, fazendo gala vaidosa da sua categoria?

Não! Roma não foi a ordem, dentro da justiça...

— Talvez... mas, diante da desordem do mundo, do mundo antigo, Roma foi, pelo menos, com certeza, a ordem necessaria para que esse antigo mundo tomasse corpo e marchasse... E é bem esse o sentido da velha ordem romana, que hoje Roma, a Roma de hoje, entende actualizar. Inspirado por ela, Mussolini e a Italia assumem agora o principal papel, no seculo em que vivemos. Assim falando, tinhamos, sem dar por isso, descido ás bancadas e, encostados ás ruínas do *proscenium pulpitum*, ficamos a olhar, com encanto, o alinhamento harmonico das colunas que, em face de nós, um sol, já quasi exintio, doirava ainda...

Acudiam-me á lembrança, em nitido recorte,

as figuras de drama, que a arte maravilhosa de Margarida Xirgu e Borrás tinham divinamente interpretado, havia pouco mais de dois anos, ali mesmo, naquele *proscenium*, onde agora, pasceavam, descuidados, isolados ou em grupos, os soldados italianos da guarnição de Mérida...

Tinha vindo de Madrid, expressamente, ao raro gozo daquelas horas evasadoras, Alcalá Zamora e a sua luzida comitiva de faustoso Presidente das Espanhas. Altos nomes da Republica, poetas, literatos, artistas, mulheres... Todo um luxo de corte burguesa, para quem a vida possuía apenas o encanto da estabilidade, da alegria, da confiança num próspero futuro...

Que loucura, se então alguém se houvesse erguido das bancadas, a interromper o silencio comovido ou recolhimento «snob» daquelas horas de encantamento, já não digo para anunciar a futura destituição e exilio de Alcalá, mas para proclamar a pobreza da ficção que se estava representando na cena, comparada com a realidade que se desenrolava, dois anos volvidos tam sómente, ali, nessa mesma cena, transformada em cenário guerreiro, ante-câmara doultras tragedias, menos ficticias e mais pungentes.

Quem, de quantos assistiam ao espectáculo da Xirgu, por maiores vãos a que fosse acessível a sua imaginação exaltada de visionario, poderia fantasiar esta coisa estupenda, que, no entanto, eu claramente estava agora contemplando e quasi achando natural! Soldados do Lacio, soldados de Roma, divagando, por entre as ruínas ainda quentes de Emerita Augusta, os seus ócios de guerra e occupação militar na Península.

— Todos estes soldados são voluntarios — interoguei eu, por fim, arrancando-me á meditação em que insensivelmente caíra, á passagem dum grupo de singular aspecto marcial — caras queimadas e alto porte de guerreiros que se sabiam veteranos.

— Por certo — respondeu, com vivacidade, Pietro Alba — e continuou: todos nós, quantos estamos em Espanha, o somos... e seremos.

— Viemos para aqui, com o mesmo espirito com que nos offerecemos para a reconquista da Italia e para guerra de Etiopia. Essa é que é a nossa força!

— Ser-se voluntario constitui dupla responsabilidade.

— Evidentemente, e nós temo-las sentido, bem duramente, essas responsabilidades, e em circumstancias tais que só uma grande fé nos faria dignos delas e capazes de assumilas.

— Na Abissinia?

— Na Abissinia de-certo, mas quanto mais difficil não foi ainda a luta, a luta politica, adentro de Italia. Na Abissinia dias houve em que os horrores do clima eram tam duros, que a nós nos parecia dever ser mais suave e doce a incognita da morte. Quantas vezes, nesse langor tórrido dos acampamentos, nos tomava a sensação estranha e horrivel do proprio corpo a dissociar-se em vida... Então, em certas horas de prostração, o inquieto pensamento desprendia-se até á velha Italia, a ver correr, lá longe, entre arvoredos floridas, a fonte da aldeia, donde, pelas tardes de oiro, se atardam, cantando, as morenas raparigas da nossa terra, emquanto o centarro trasvasa de generosa linfa... E a nós mesmos nos preguntavamos, em tais momentos, com desespero e mágoa: «para quê?»...

Mas logo o amor proprio, o orgulho da nossa dignidade de «voluntarios» se erguia, subito, a socorrer-nos, a salvar-nos, a redimir-nos.

Sim, aquilo na Abissinia foi bem duro! Na Italia, porém, fôra mais difficil ainda. Ai, houve alturas, em que se se «voluntario» da Nação, isto é, «fascista», era ter o Estado, o Estado inteiro dos politicos, contra si. Toda a gente queria seguir a vida cômoda, a vida facil, o pendor natural das sociedades apodrecidas. Nós, vinhamos a falar-lhes de sacrificios, de sofrimento, de renuncia... Eramos, pois, os perturbadores, os loucos maus, o inimigo, que era preciso esmagar de todas as maneiras.

Assim, de todas as maneiras sofremos a sua acometida e, por todas as formas, tivemos de lutar para reagirmos e vencer. Talvez que o mais difficil não fôsse ainda a batalha, atrás da qual deixámos, pelo caminho, um longo rasto de mortos queridos. O mais difficil estava em poder resistir á vaga aliciadora do suborno que, nos intervalos da refrega, em nossa volta subia sem cessar.

Amelecidos, os braços quebrados pela ambição traidora do lucro, num tempo em que a vida humana era, mais do que nunca, cheia de facilidades para quem as pudesse comprar, quantos de nós não haveriamos cedido á gangrena da tentação e do aliciamento, se não tivéssemos, dentro do peito, para sempre acesa, a luz dum ideal sagrado e alto.

Não! De todos os crimes que pesam sobre a memoria daqueles que nos perseguiram, um existe que jámais lograremos esquecer e perdoar — foi quanto elles fizeram para corromper e apodrecer a Italia.

— Como foi então possível o milagre do vosso novo ressurgimento?

— O milagre foi todo obra dum Homem, que soube dar-nos o exemplo da sua intransigencia, não se vendendo, não cedendo nunca, protestando sempre e por toda a parte — o Duce.

— E hoje, Mussolini e a Italia... até onde chega o seu entendimento, o seu acôrdo?

— Entendem-se, e jámais poderão deixar de entender-se, na inquietação e na esperança com que vivem o seu tempo, com que constroem a sua época. O Duce foi o facho ardente que surgiu na serração da noite italica, a marcar-nos um caminho novo — o da aurora redentora.

Pode discutir-se para onde esse caminho nos leva; ninguém, porém, ousará negar que é uma vasta, uma larga, uma gloriosa «estrada»... uma verdadeira via imperial!

— Via imperial, sim, mas onde apenas ressoa, por agora, o passo duro das legiões armadas e o rodar estrondoso dos carros de guerra...

— Nisto ainda a Italia se afirma com consciencia de imperio. Estamos recomeçando. A gloria de Mussolini e da sua inclita geração estará sobretudo em podermos gritar amanhã, do alto da Historia: «fômos nós os primeiros a marchar!».

Encontrado o caminho, pode afirmar-se que por ele desfilarão, durante seculos como outrora, aqueles que, depois de nós, fôrém surgindo, succedendo-nos no plano da vida. O «Fascismo» será assim o ambiente apoteotico, onde o povo italiano, redivivo, encontrou finalmente a plana consciencia de si proprio, o ritmo que a ordem romana adoptou para o prodigio da sua resurreição. Esse prodigio foi, antes de mais nada, o de haver arrancado a Italia ao inferno dantesco da desesperança.

O «Fascismo» é um clima sólido e sadio de optimismo ao serviço da Ordem e, portanto, da Paz.

— A Paz romana...

— Essa Paz romana é, sem duvida, indispensavel á Paz da Europa. A Europa, sem nós, já estaria vencida e prostrada pelos barbaros de Moscovo, os novos «barbaros do Norte»...

— Quere isso dizer que a Europa se encontra, como coagida, diante de dois imperialismos — o de Moscovo e o de Roma?

— Ou diante do imperialismo de duas idéas irreductíveis, se preferir...

— De quantos milhões de mortos será o preço da victoria?

— Isso importa pouco. Nós elegemos, para regra de vida, a áspera senda do sacrificio, ao cabo da qual a morte é sempre esperada, sempre possível, sempre natural...

— Significa isso que o «Homem», a pessoa Humana seja coisa vil, miseravel, e sem interesse perante a grandeza magnifica do Império?

— Sem duvida!

— O' Pietro Alba! Lenine tambem disse: «para nós a vida humana não tem valor metafísico algum...» Para onde vai assim o mundo, á força de escutar tantas e tantas afirmações, em que o Homem se nega a si proprio; e porque fatalidade absurda teremos nós de andar assentando sempre novos mitos sobre pedestais enormes, que são simples montões de cadáveres? Sempre sangue e mais sangue...

— O sangue... o sangue é a semente que melhor purifica. Nós, os «camisas negras», temos-lo sempre generosamente vertido.

— E feito verter...

— Começámos por dar o exemplo. Fizemos dom total de nós mesmos á causa sagrada que servimos. Totalmente nos votámos á sua exaltação! Uma das virtudes do clima heroico em que vivemos está, por certo, na clareza com que se definem os nossos deveres. Deveres para com o Imperio, deveres para com a Civilização, de que o Imperio é um expoente altissimo.

E se aqui andamos, pelos antigos caminhos de Roma, nesta velha terra de Espanha, é precisamente para acudir ao chamamento duma consciencia que se não ilude com vãs concepções, feitas ao utilitarismo e á meia verdade.

Sômos soldados do Occidente. Defendemos estes prades, estas fontes, estas altas montanhas da Ibéria, contra a invasão das hordas orientais devastadoras... Sômos soldados da Latinidade.

— E a França?

— Temos fé em que a França tambem virá a seu tempo. Quanto a Portugal, esse, é já para nós um aliado natural...

— Os Lusitanos, Pietro Alba, — convém não esquecer — foram, por vezes, demasiado sensíveis ás graças de Roma... Viriato conspirou com os cartagineses para a perda do Imperio.

— Foi só enquanto a Lusitania não conheceu Roma e a verdade eterna de que ela era depositaria. Roma é o Espirito!

— Cartago é rica...

— Roma é forte!

— A guerra não se mantém sem oiro, Capitão Alba.

— «A guerra manterá a guerra», disse Catião...

Pensamentos



de João Chagas

Supomos que Silva de conceitos é o ultimo livro de João Chagas. São reflexos e prismas do seu pensamento prodigioso, colhidos em flagrante já nos silêncios do espirito, já na rude e, por vezes, truculenta batalha, que foi toda a sua existencia. João Chagas não ocupa, no chamado jornalismo literario, o lugar a que tinha fuz o seu enorme talento. Foi uma das penas mais brilhantes do seu tempo, um autentico mestre da reportagem que possuía uma maneira, um estilo e uma sensibilidade, proprias.

Da Silva de conceitos, que apareceu agora, elegantemente editada pela Parceria Antonio Maria Pereira, retribuíamos estes pensamentos:

Não fatigues a actividade dos teus amigos. A amizade é um capital que dá tanto maiores juros quanto menos se lhe toca.

Serás tanto melhor compreendido, quanto melhor te souberes exprimir. Só são obedecidos os que sabem mandar, e saber mandar é saber dizer com precisão o que se quer.

Não seas demasiado loquaz á mesa. Lembra-te que ha pessoas que atribuem uma grande significação ao acto de comer.

Por quem és! Não estendas a mão a toda a gente.

Quando a vida começa a ser para nós um enigma estamos velhos. Nunca digas: «No meu tempo...». Dás a impressão de já não estares novo.

A psicologia é a arte de complicar as coisas da alma.

Pensar que a vida é um bem passageiro, é a melhor condição para a prodigalizar.

O homem procura cada vez mais resgatar-se do instinto. Pela alma ele já ocupa um lugar superior na escala animal. Pelo corpo ainda não. Entre a alma e o corpo trava-se uma batalha tão grande como se travou na Idade Média entre Deus e o Diabo.

Deus é Espanhol.

Discutir o céu é perdê-lo.

O homem bem jantado, renuncia até ao dia seguinte a novas reivindicações.

Devemos evitar sempre ter razão e não ter mais nada.

Ter sono, é muitas vezes ter uma opinião.

Na vida como nos dramas a virtude acaba sempre por triunfar.

O invejoso inveja tudo, mesmo aquilo que pode ter.

A dôr torna o homem supersticioso.

Ha perdulários de ternura como ha perdulários de ouro. Ambos acabam na ruína.

Os conselhos são o egoismo dos velhos. O que nós proibimos aos nossos filhos, em geral, é aquilo que já não podemos fazer.

UMA CARTA DE RAINER MARIA RILKE

Só a necessidade de escrever justifica o escritor

Esta notavel carta do grande escritor e poeta Rainer Marie Rilke, tem sido largamente publicada na Imprensa literaria estrangeira. É justo, pois, que ela seja reproduzida, num jornal português, tal como vai aparecer num livro de Bernard Grasset, o conhecido editor, com algumas reflexões, e de Rainer Biemel, que a traduziu com severo escriptulo. Esta carta faz parte duma colecção de dez que o grande poeta dirigiu a Franz Xaver Kappus. O autor de «Au fil de la vie», que morreu prematuramente, mostra nestes admiravel documento, a sua genial sensibilidade, na introspecção do fenomeno literario.

Paris le 17 février 1903

Cher Monsieur
Voiie lettre vient à peine de me parvenir. Je tiens à vous en remercier pour sa précieuse et large confiance. Je ne peux guère plus. Je n'entrerai pas dans la manière de vos vers toute préoccupation critique n'étant étrangère. D'ailleurs, pour saisir une œuvre d'art, rien n'est pire que les mots de la critique. Ils n'abaissent qu'à des malentendus plus ou moins heureux. Les choses ne sont pas toutes à pendre ou à dire comme on voudrait nous le faire croire. Presque tout se qui arrive est inexprimable et s'accomplit dans une région que jamais parole n'a foulée. Et plus inexprimables que tout sont les œuvres d'art ces êtres secrets dont la vie ne finit pas et que côtoie la nôtre que passe.

Ceci dit je ne puis qu'ajouter que vos vers ne témoignent pas d'une manière à vous: Ils n'en contiennent pas moins des germes de personnalité, mais timides et encore recouverts. Je l'ai senti surtout dans votre dernier poème: «Mon ame». Là quelque chose de propre veut trouver l'issue et forme. Et tout ou long du beau poème «A Léopardi» monte une sorte de parenté avec ce prince de solitude. Néanmoins vos poèmes n'ont pas d'existence propre, d'indépendance, pas même le dernier, pas même celui à Léopardi. Votre bonne lettre qui les accompagnait n'a pas manqué de m'expliquer mainte insuffisance, que j'avais sentie en vous lisant, sans toutefois qu'il me fut possible de lui donner un nom.

Vous demandez si vos vers sont bons. Vous me le demandez à moi. Vous l'avez déjà demandé

à d'autres. Vous les envoyez aux revues. Vous les comparez à d'autres poèmes et vous vous alarmez quand certaines réductions écartent vos essais poétiques. Désormais (puisque vous n'avez permis de vous conseiller) je vous prie de renoncer à tout cela. Votre regard est tourné vers le dehors; c'est cela surtout que maintenant vous ne devez plus faire. Personne ne peut vous apporter conseil ou aide, personne ne peut qu'un seul chemin. Entrez en vous-même, cherchez le besoin qui vous fait écrire: examinez, s'il pousse ses racines au plus profond de votre cœur. Confessez-vous à vous-même: mourriez-vous s'il vous était défendu d'écrire? Ceci sur-tout: demandez-vous à l'heure la plus silencieuse de votre nuit: «Suis-je vraiment contraint d'écrire?». Creusez en vous-même vers la plus profonde réponse. Si cette nécessité. Votre vie, jusque dans son heure la plus indifférente, la plus vide, doit devenir signe et témoin d'une telle poussée. Alors, approchez de la nature. Essayez de dire, comme si vous étiez le premier homme, ce que vous voyez, ce que vous vivez, aimez, perdez. N'écrivez pas de poèmes d'amour. Évitez d'abord ces thèmes trop courants: ce sont les plus difficiles. Là où des traditions sûres, parfois brillantes, se présentent en nombre, le poète ne peut livrer du propre qu'en pleine maturité de sa force. Fuyez les grands sujets pour ceux que votre quotidien vous offre. Dites vos tristesses et vos desirs, les pensées qui vous viennent, votre foi en une beauté. Dites tout cela avec une sincérité intime, tranquille et humble. Utilisez pour vous exprimer les choses qui vous entourent, les images de vos songes, les objets de vos souvenirs. Si votre quotidien vous paraît pauvre, ne l'accusez pas. Accusez-vous vous-même de ne pas être assez poète pour appeler à vous ses richesses. Pour le créateur rien n'est pauvre, il n'est pas de lieux pauvres, indifférents. Même si vous étiez dans une prison, dont les murs étoufferaient tout les bruits du monde, ne vous resterait-il pas toujours votre enfance, cette précieuse, cette royale richesse, ce trésor des souvenirs? Toi-même à votre esprit. Tentez de remettre à flot de ce vaste passé les impressions coulées. Votre personnalité se fortifiera, votre solitude se peuplera et vous deviendrez comme une demeure aux heurs incertaines du jour, fermée aux bruits du dehors. Et si de ce retour en vous-même, de cette plongée dans votre propre monde, des vers vous viennent, alors vous ne songerez pas à demander si ces

vers sont bons. Vous n'essayerez pas d'intéresser des revues à ces travaux, car vous en jouirez comme d'une possession. Une œuvre d'art est bonne quand elle est ne d'une nécessité. C'est la nature de son origine qui la juge. Aussi, cher Monsieur, n'ajoutez pas de donner d'autre conseil que celui-ci: entrez en vous-même, sondez les profondeurs où votre vie prend sa source. C'est là que vous trouverez la réponse à la question: devez-vous créer? De cette réponse recueillez le son sans en forcer le sens. Il en sortira peut-être que l'Art vous appelle. Alors prenez ce destin, portez-le, avec son poids et sa grandeur, sans jamais exiger une récompense que pourrait venir du dehors. Car le créateur doit être tout un univers pour lui-même, tout trouver en lui-même et dans cette part de la Nature à laquelle il s'est joint.

Il se pourrait qu'après cette descente en vous-même, dans le «solitaire» de vous-même, vous fussiez renoncer à devenir poète (il suffit, selon moi, de sentir que l'on pourrait vivre sans écrire pour qu'il soit interdit d'écrire). Alors même, cette plongée que je vous demande n'aura pas été vaine. Votre vie lui devra en tout cas des chemins à elle. Que ces chemins vous soient bons, heureux et larges, je vous le souhaite plus que je ne saurais le dire.

Que pourrais-je ajouter? L'accent me semble mis sur tout ce qui importe. Au fond je n'ai tenu qu'à vous conseiller de croître selon votre loi, gravement, sereinement. Vous ne pourriez plus violemment troubler votre évolution qu'en attendant du dehors des réponses que seul votre sentiment le plus intime, à l'heure la plus silencieuse, saura peut-être vous donner.

J'ai eu plaisir à trouver dans votre lettre le nom du professeur Horacek. J'ai voué à cet aimable savant un grand respect et une reconnaissance qui durent déjà depuis des années. Voulez-vous le lui dire. Il est bien bon de penser encore à moi et je lui en suis gré.

Je vous rends les vers que vous m'avez aimablement confiés, et vous dis encore merci pour la cordialité et l'ampleur de votre confiance. J'ai cherché dans cette réponse sincère, écrite du mieux que j'ai su, à en être un peu plus digne que ne l'est réellement cet homme que vous ne connaissez pas.

Dévouement et sympathie.

RAINER MARIA RILKE

DOIS PROJECTOS DE ANTONIO SARDINHA

(Continuação da 1. pagina)

Não quis o Destino que tal sucedesse, — e dez anos de trabalho constante, de que O Valor da Raça e os numerosos volumes de ensaios publicados são o resultado precioso, ficaram sem a natural coroação duma obra definitiva, onde se aproveitassem os materiais acumulados em tantas vigílias de estudo.

De dois grossos tomos constaria a História de Portugal de Antonio Sardinha: — o primeiro occupar-se-ia das origens e formação da Nacionalidade; no segundo se analisaria o seu desenvolvimento e se estudariam as causas do seu declínio, até nossos dias. Obra profusamente ilustrada, não lhe faltaria também um actualizado aparato científico, de que completas e bem elaboradas bibliografias seriam um notavel testemunho.

Os capítulos do primeiro volume iam ser redigidos com especial devoção. Os problemas de que se rodela o aparecimento de Portugal como Estado independente apaixonavam sobremaneira Antonio Sardinha. E sabe-se quanto a moderna erudição espanhola o auxiliara na solução de tantas incógnitas, dando-lhe sugestões para que novos horizontes se abrissem ás curiosidades da sua intelligencia de estudos e ás vibrações da sua sensibilidade de comunicativo.

Apreciados pela idéa-directriz que atravessava toda a obra, pela primeira vez relacionados com outros de que, até então, se encontravam isolados, muitos factos do nosso passado, ou obscurecidos ou totalmente incompreensíveis, assim integrados, e como que fundidos, na fabrica geral da concepção, tomariam novo valor e surgiriam, com rara transparencia, aos nossos olhos. Num dos seus volumes de ensaios (A Sombra dos porticos) deixou-nos Antonio Sardinha como que o programa da História de Portu-

gal. Importa recordá-lo, para melhor se abrançar o significado do plano que adiante se confia á publicidade.

Descorrendo do compendio, então recém-publicado, do sr. dr. Fortunato de Almeida, escrevia Antonio Sardinha: — «Espera, portanto, Portugal de ha muito a sua História, — historia de síntese traçada, architectonica completa, em que a proporção e a logica do conjunto nos desvendem as razões eternas da Patria, na quimica incessante da sua renovação e vitalidade. Materiais dispersos existem em abundancia — alguns de valor inapreciavel, como os carreados e ordenados por Alberto Sampaio. Mas não basta apenas utilizá-los no plano geral do edificio. Ha que corrigi-los e ajustá-los, depurando-os de elementos contrários ou heterogeneos com que frequentemente andam misturados, por ausencia de idéa-directriz, no espirito de quem os desbastou ou acumulou. Um necessario trabalho de revisão se impõe simultaneamente — especie de breviário de correções ou erratas, em que se instrua o processo das diversas lendas-negras que deprimem a face augusta do nosso Passado. Com o objectivo de nos mostrar Portugal, sobretudo, com uma personalidade moral, prolongando-se no espaço e no tempo, uno e continuo, essa História, a fazer-se, sem cair no detalhe excessivo, não deve tambem esquecer a revisão correspondente dos juizos e conceitos preconcebidos, a fim-de que corresponda em toda a amplitude ao nobre intuito de Fustel de Coulanges ao escrever: — L'histoire imparfaitement observée nous divise: c'est par l'histoire, mieux connue, que l'œuvre de conciliation doit commencer».

* * *

O que se vai ler, e que para aqui não transcrevo sem uma sincera emoção, são os titulos dos capitulos de que se comporia a História de Portugal, que Antonio Sardinha ia começar a escre-

ver justamente no momento em que a morte o levou. Unico confidente do plano da sua tão sonhada obra, não esqueço esta oportunidade para testemunhar uma vez mais o muito que á amizade lealissima do grande animador, ás suas lições inesquecíveis e á sua camaradagem sem par fiquei devendo para todo sempre.

Eis, pois, o plano da História de Portugal de Antonio Sardinha, tal como o encontrei entre os papéis do seu gabinete de estudo:

I—A Terra e a gente; II—Primeiras idades; III—Quem eram os Lusitanos; IV—A unidade romana; V—Christianização; VI—A abelha vazando o favo...; VII—«Portugal, terra gensor!»; VIII—O Estado afonsino; IX—Cruz, Espada e Arado; X—Entre Castela e o Mar; XI—Aljubarrota; XII—Rosas de Santa Maria; XIII—O capelo do Regente; XIV—Os Deuses do Oceano; XV—«... e o que mais he; novas estrélas»; XVI—A Fé e o Imperio; XVII—Pardaus em Cabeceiras de Basto; XVIII—O testamento de Espanha; XIX—A Monarquia do Encoberto; XX—Os rousinols de Felipe; XXI—Portugal-Restaurado; XXII—Decadência da Europa—e não nossa!; XXIII—As naus do Quinto; XXIV—Nova Lusitania; XXV—Outro terramoto; XXVI—Desembargadores, botafogos e sebastianistas; XXVII—«Enfermo de mal gaulês...»; XXVIII—E a invasão continúa; XXIX—Mentiras convencionais; XXX—«Meu pobre Portugalorio!»; XXXI—Mas a Epopeia ainda dura!; XXXII—Crepitará a Esperança na cinza?

Ficará perdido este admiravel esboço, ou alguém meterá ombros á empresa de publicar uma História de Portugal subordinada ao plano que se acaba de ler? Seria essa, certamente, a melhor homenagem que se poderia prestar á memoria de Antonio Sardinha.

RODRIGUES CAVALHEIRO

OS LIVROS DA SEMANA

Maine de Biran, no seu tão apaixonante *Journal Intime*, mais de uma vez faz vibrar a nota de que a fé do homem que por si mesmo a atinge é muito mais preciosa do que a daquele que em herança recebe. Em 1815, isto é, muitos anos antes da sua crise religiosa, já ele escrevia: «Si je trouve Dieu et les vraies lois de l'ordre moral ce sera pur bonheur, et je serai plus croyable que ceux qui, partant de préjugés, ne dendent qu'à les établir par leur théorie». Não é outro o significado da parábola do filho pródigo. Jesus era da opinião de Maine de Biran. E Pascal também. Todos aqueles que sabem ir ao fundo da experiência religiosa assim pensam. Mas, de resto, não é apenas na experiência religiosa que isto se dá. Não há experiência humana alguma onde isto se não verifique. Pode dizer-se não haver mesmo *experiência* sem este caminhar das trevas para a luz. Buscar, por si próprio, graças aos recursos intelectuais ou morais de que o homem é dotado, a Verdade, quer ela seja de ordem racional quer de ordem mística, eis, parece-me, o caminho natural do espírito humano.

E' certo, porém, uma parte da humanidade ter nascido para continuar, para aceitar, para servir, para, passivamente, ingressar nas hordas disciplinadas onde a verdade lhe é dada como um mandamento indiscutível. Desse lado estão os homens para quem o mundo é um todo a aceitar ou a repelir. Aceitam o que recebem e repelem o que de novo lhes querem dar. Que uma parte da humanidade se contente em manter as posições que lhe legaram, vá. Os mortais pendem a fazer coincidir os seus interesses espirituais com os seus interesses materiais. Aqueles são, para eles, mera consequência destes. Mas: ao lado desses mortais há *imortais* que, apartando de préjugés ne tendiz Maine de Biran, por *leur théorie*, como dizia Maine de Biran. Eis o extraordinário! Quere dizer: nem só o homem comum é capaz de se contentar com preconceitos herdados, há *intelectuais*, homens cuja função seria a de pensar, que se contentam em fundamentar pela teoria preconceitos herdados.

Não será um contra-senso? Pois não é próprio da inteligência duvidar? Não é duvidando que o homem parte para o conhecimento das coisas? Sim: não é preciso ser-se cartesiano para fundamentar o conhecer na dúvida. Conhecer pressupõe um previo desconhecer. Mesmo para crer é preciso começar por duvidar. De outro modo não há conhecimento, nem crença, nem compreensão íntima de coisa alguma neste mundo. De outra maneira há... submissão, servilismo, animalidade.

Quere-me parecer que os homens que procuram justificar pela teoria os seus preconceitos não são propriamente seres pensantes. Melhor: não é a inteligência o seu órgão natural, de conhecimento. O órgão natural de conhecimento desses homens é a memória. Há memórias tão prontas e subitís que se podem confundir com a inteligência. Então, para tais homens, compreender é repetir. As idéas dos homens que procuram fundamentar preconceitos não passam muitas vezes de fórmulas elaboradas sobre pensamentos outrora vivos. Nesses homens chega-se mesmo a dar como uma confusão de campos mentais. Quando se supõem defronte de elaborações do seu proprio intelecto estão apenas em frente de pensamentos feitos meramente memorativos. Daí não poderem chegar a sentir qual a diferença entre a luz abrasadora que queima a realidade e a pálida claridade que superficialmente a ilumina. Não me parece impossível chegar-se um dia a demonstrar que o fundo do pensamento dos *pensadores* deste tipo assenta na memória, não no entendimento. Não conheço nenhum grande conservador que não seja homem de excelente memória.

Os herdeiros ou amigos—não sei bem—de um homem que nasceu na Vidigueira e foi medico em Setúbal reuniram em quatro grossos volumes tudo quanto Fernando Garcia—a pessoa em questão—publicou em vida em jornais de província e o que deixou inédito. *Ensaaios e Criticas* (três volumes) e *O Morgado Figueiroa*, romance, eis a obra de Fernando Garcia (João Semana).

Fernando Garcia era uma especie de jornalista de idéas. Mas se as suas idéas não eram muito profundas, nem muito originaes, nem muito amplas, a culpa não era dele, mas dos seus mestres. Fernando Garcia lia Maurras, Daudet, Massis, Maritain, Bourget. Quere dizer: as idéas de Fernando Garcia não eram propriamente idéas, mas *lembranças*. Lembra-se bem do que aprendera na escola de Campolide, de que fôra aluno, e não se esquecia, houvesse o que houvesse, da historia do seu país. Daí opôr «a mentalidade revolucionaria do seu país» como elucida o prefaciador da obra «a sua fé absoluta em Deus, a necessidade do sacrificio de todos pela Patria, a defesa da familia como alicerce do edificio social, o direito indiscutível da propriedade, a negação do mito da Liberdade, a necessidade da educação

religiosa na escola e na familia...» etc. Eis um programa de perfeito conservador.

Eis por que não ha nos escritos de Fernando Garcia especulação pessoal, no verdadeiro sentido da palavra, mas um *bem pensar* pensamentos recebidos, um bem combinar elementos pensados, para sermos mais precisos, Fernando Garcia era o tipo do homem de experiência pratica. Havia nele uma costela de lavrador: de lavrador alentejano. O que não é cousa de pouca monta. Parece-me nunca se ter pensado em Portugal nesta cousa aparentemente insignificante, qual seja ser alentejano o fundador do integralismo lusitano.

Fernando Garcia era um autentico integralista. Integralista *avant la lettre*. No alentejano ha um contacto muito directo entre o homem e a terra: o homem personificado no proprietario, a terra no descampado. Duas forças em presença uma da outra: o homem pronto a tirar dela os seus bens materiais, a terra indomável, infinita e caprichosa, representando diante dele a memoria viva dos bens da Patria portuguesa incompletamente apropriados. Ante a realidade de uma terra imensa, cheia de promessas e de realidades, o homem é levado simultaneamente a pensar e a lembrar-se. Lembra-se do que ante ele representa o que foi e pensa no que pode vir a ser persistindo o que é. Daí o tradicionalismo de Antonio Sardinha, misto de exaltação romantica da memoria e de valorização idealista da intelligencia. Um homem como Sardinha, ante a *memoria viva* que é a terra alentejana, quere pensar, quere compreender, quere explicar, quere esclarecer—e, afinal, lembra, repete, fundamenta, circunscreve. A propria palavra *integralismo* tem a um tempo qualquer cousa de amplo e de limitado. Fernando Garcia sofre de uma identica limitação e de uma identica audacia: é um romantico a fingir que o não é. Voltado embora para a terra, para a tradição, para o *estavel*, nem por isso se pode dizer que Fernando Garcia fosse um retrogrado. Conciliar o passado com o futuro—eis o seu sonho.

Nos seus três volumes de *Ensaaios e Criticas* ha um pouco de tudo: doutrinação politica, critica panfletaria, divagação literaria, reminiscencias pessoais, evocações, recreações historicas, etc. Por toda a parte está presente o espirito de um homem que era um *cidadão*.

ENSAIOS E CRITICAS

I, II e III volumes

O MORGADO FIGUEIROA

romance por FERNANDO GARCIA (João Semana)

EUROPA ACTUAL

por ANTONIO CANAVARRO DE VALADARES

Mas Fernando Garcia não se limitou a teorico dos seus ideais politicos e sociais. Fernando Garcia tentou no romance uma illustração literaria das suas teses. *O Morgado Figueiroa* é a illustração literaria das teses de Fernando Garcia. Quere dizer: afigura-se-me haver nesta obra uma parte meramente demonstrativa, outra sentimental. A certa altura a demonstração funde-se com a nota pessoal. Infelizmente essa nota é insufficiente para salvar a obra da sua natural aridez.

Fernando Garcia, procurou demonstrar no seu romance como as tradições aristocraticas e senhoriaes se podem adaptar ás exigencias modernas da vida sem nada perderem do seu caracter. E, assim, se, por um lado, é grande o prestigio da figura do Morgado Figueiroa, que o romancista nos procura apresentar através daquella sufficiencia macia que é a afirmação da aristocracia, por outro lado abre-lhe fendas profundas no caracter, pois tal fidalgo é um verdadeiro depredador dos valores tradicionais da familia e dos proprios valores espirituais da tradição. Fernando Garcia quere vencer-nos de que a responsabilidade disso cabe a um tio muito lido em Rousseau... A verdade, porém, é que este fidalgo não conserva da tradição senão a forma: no fundo, para ele nada ha mais respeitavel do que o seu proprio egoismo. Por isso lhe sacrificia a honra das mulheres. Mais tarde, porém, sob a influencia de uma filha, que o romancista nos apresenta abruptamente, este homem acaba por casar com a costureira que raptou e que para ele viveu a vida inteira metida numa quinta, feita animal empalhado. Fernando Garcia não se preocupa nada com a verdade psicologica. Para chegar ás suas conclusões, atropela ou esmaga a vida das personagens, que lhe obedecem cegamente. Mas essa filha, Maria Vitoria de nome, que o acaso lhe manda, repentinamente, com dezoito anos feitos, essa filha que ele nunca tivera a curiosidade de ver, educada em Lisboa, por uma tia, surge na casa de Monte Junto. Eis o futuro que chega: o amor do passado impellido para o futuro, com os pés no presente. Com ela, dentro do mais estrito respeito pela religião catolica e por todas as formas, em que o passado se encarnou: familia, mortos, as paredes da propria casa, vem uma grande vontade de se integrar no presente: assistência social, catequese—para salva-

ção do futuro. Maria Vitoria acaba por casar com um medico, não fidalgo, chama a si a madrasta, abre uma escola e, conservando a velha casa de Monte Junto, vai habitar o palacete que o pai manda construir. E o romance finda com o Morgado reintegrado no seu papel de avô: «homem de boa vontade, com todas as qualidades dos homens do seu tempo, que remira os seus defeitos numa reconciliação suprema com a familia, com a raça e com Deus».

Eis a tese iluminada, melhor demonstrada. Fernando Garcia não tinha maleabilidade psicologica de romancista. O seu modelo português era Julio Diniz; o seu modelo francês Bourget. Diniz ensinou-o a pintar os caracteres adoçados e de uma só peça; Bourget a fazer de uma cousa imprevisita e viva, que deve ser um romance, uma demonstração arida e artificial.

E' bom, todavia, não esquecermos que Fernando Garcia era português e que não ha nada tão difficil para portugueses como escrever bons romances. Eis por que devemos fechar os olhos a muitas das suas deficiencias. A verdade é que dentro das suas linhas rígidas, dos seus caracteres, estereotipados, das suas cenas acanhadas, dos seus conflitos debéis, das suas conclusões previstas e arbitrarías, *O Morgado Figueiroa* é um romance de uma rara probidade e de uma rara modestia, num país onde os romancistas não sabem ser nem uma nem outra cousa. Se nada neste livro nos empolga, se nada nos dá a ilusão do jôgo natural e espontaneo dos caracteres, o certo é nada nele haver também, de atabaihoado, para encher, para parecer bem, para fingir que se é profundo e para se chegar depressa ao fim, cousa tão comum nos romances dos romancistas portugueses, mesmo da academia. E' justo dizer-se que a figura do Morgado não é de todo estereotipada. Ha nela notas justas, atitudes humanas. Algumas figuras secundarias chegam mesmo a viver. A mais falsa de todas as personagens é essa tal Maria Vitoria, verdadeiro arranjo para justificar a tese. Tão convencional é a sua actuação como a sua entrada em cena.

Como quere que seja, a verdade é Fernando Garcia ter escrito uma obra honesta. Não sei se a deva mesmo preferir a toda a sua longa e facil produção jornalística. Ao menos aí ha um esforço para criar objectivamente, esforço que resgata o autor de todas as suas transigencias passivas com as idéas feitas: a sua mal empregada doutrinação politica. Bem diz Alain que enquanto os sociologos provocam o riso um romancista como Balzac, não. «Balzac ne fait point rire; il nous remet dans l'éternelle situation de l'homme». Por mais convencional que um romance nos pareça ha nele sempre qualquer cousa que nos põe em frente da verdade eterna do homem. Eis o que não é para relegar.

* * *

Europa Actual (Pax, Braga, 1937)—eis um livro inteiramente escrito com a memoria. Não escrito de memoria. *Escreito com a memoria*. Antonio Canavarro de Valadares é um homem que não sabe pensar—sabe lembrar-se. Daí ter sido capaz de escrever um livro como uma maquina o escreveria se fosse possível encaregar uma maquina de uma tal tarefa. Em 288 páginas não ha uma nota pessoal. Em compensação ha até o numero exacto dos componentes dos varios partidos politicos da Europa. Não falta nada ali. Mas, afinal, falta tudo. A idéa que preside á associação dos factos também não é do autor: é uma idéa feita. Não são os factos que o levam a concluir. O que o leva a associar os factos é a idéa inicial. Por que em Hollywood ha muitos divorcios, diz Valadares, e a Imprensa de todo o mundo os noticia— cada vez ha mais divorcios na Europa... E, com tudo isto, dir-se-á que o autor quere esgotar os assuntos. Sobre a Latinidade ha um capitulo que começa: «Costuma atribuir-se a generica designação de países latinos a cinco nações: Italia, França, Espanha, Portugal e Romania». Parece que o autor desconfia da cultura dos seus leitores.

Enfim: *Europa Actual* é uma obra vasada no molde das velhas sebtas de Coimbra. Quem quiser saber sobre a situação da Europa actual o mesmo que os estudantes costumam ficar sabendo pelas sebtas sobre a ciencia medica ou juridica leia a obra de Antonio Canavarro de Valadares.

JOÃO GASPAR SIMÕES

P. S.—Far-se-á referencia nesta página ás obras de que nos sejam enviados dois exemplares: um para o «Suplemento Literario», outro para o critico, independentemente das ofertas pessoais. O critico, reserva-se, porém, a faculdade de se não manifestar sobre as obras que lhe não pareçam suficientemente significativas ou não estejam dentro do plano da sua critica.

J. G. S.

OS NOSSOS POETAS

Canção que pode ser triste

Setembro; pelas vindimas

Anda um beijo de alegria

— Mixto de aroma e de lume

A chorar entre cantigas!

Não poder eu andar nelas

E ser o mais desejado

Por todas as raparigas!

Nas curvas de um desafio

Entre cachos e abraços

Cantar ao som das guitarras!

E embebedar-me nos olhos

D'aquela que ao meu destino

Dêsse as mais fundas amarras.

Depois, repartir o amor

Num filho que fôsse o encanto

De uma ilusão sempre nova;

E nessa ilusão deixarmos

Os movimentos da vida

Pelos silencias da cova.

ANTONIO BOTTO